



Natane Emanuelle Rangel

**A TRANSFORMAÇÃO DA PERSONAGEM VAMPIRO NA
LITERATURA CONTEMPORÂNEA**

Passo Fundo, abril de 2021.

Natane Emanuelle Rangel

A TRANSFORMAÇÃO DA PERSONAGEM VAMPIRO NA
LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Luís Francisco Fianco Dias.

Passo Fundo

2021

CIP – Catalogação na Publicação

R196r Rangel, Natane Emanuelle
A transformação da personagem vampiro na literatura contemporânea / Natane Emanuelle Rangel. – 2021.
66 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Luís Francisco Fianco Dias.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2021.

1. Vampiros na literatura. 2. Literatura e sociedade.
3. Literatura fantástica. 4. Literatura moderna - História e crítica. I. Dias, Luís Francisco Fianco, orientador. II. Título.

CDU: 82.09

Catálogo: Bibliotecário Luís Diego Dias de S. da Silva – CRB 10/2241



PPGL
Programa de Pós-Graduação
em Letras

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

**“A TRANSFORMAÇÃO DA PERSONAGEM VAMPIRO NA LITERATURA
CONTEMPORÂNEA”**

Elaborada por

Natane Emanuelle Rangel

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para a obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

Aprovada em: 20 de abril de 2021
Pela Comissão Examinadora

Prof. Dr. Luis Francisco Fianco Dias
Presidente da Banca Examinadora
Orientador

Profa. Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

Prof. Dr. Pedro Afonso Barth
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profa. Dra. Fabiane Verardi
Universidade de Passo Fundo

Eu da cova portanto volto a esmo,
À procura de bens que meus não são,
Do homem que perdi e amo assim mesmo,
Chupando o sangue do seu coração.
Acabado este aqui,
Há outros por aí,
Dos quais tirar o viço à exaustão.

Goethe, Johann Wolfgang. A noiva de Corinto (1798)

RESUMO

As obras com temática vampiresca têm atraído muito leitores ao longo dos anos, tal fato se confirma pela grande procura e aumento de novas publicações que apresentam tal tema. Contudo, o percurso na literatura fantástica da personagem vampiro não é algo novo e pode-se observar sua presença em diversas criações artísticas ao longo dos séculos. Dessa forma, a presente dissertação tem por objetivo analisar as transformações que a personagem literária vampiro sofreu ao longo dos tempos e como tais modificações se relacionam com o contexto sociocultural em que a personagem se insere na literatura contemporânea. Para tanto, seguiu-se uma pesquisa descritiva, de ordem bibliográfica e qualitativa, na qual analisou-se e confrontou-se a partir de categorias temáticas pré-definidas algumas personagens vampiros relevantes, construídas por diferentes escritores em diferentes países e em diferentes épocas, tais como Drácula, de Bram Stoker como modelo de vampiro aristocrático, Lestat de Lioncourt, de Entrevista com o Vampiro, da escritora Anne Rice, Inverno, o antagonista de Os Sete, do escritor brasileiro André Vianco e Edward Cullen, de Crepúsculo, da autora Stephenie Meyer. Como base teórica para nos ancorar durante a pesquisa retomamos obras que tratam sobre narrativas fantásticas na literatura (FURTADO, 2017) e a construção da personagem de ficção (CANDIDO, 2018), além de estudos históricos e antropológicos sobre vampiros e suas lendas (LECOUTEX, 2005). O resultado obtido nesta pesquisa confirma que a personagem vampiro está em constante transformação, se moldando de acordo com a época e a sociedade em que é inserido, adquirindo cada vez mais traços da modernidade em sua constituição e se humanizando ao longo de tal processo.

Palavras-chave: Vampiros, Literatura contemporânea, Literatura Fantástica.

ABSTRACT

The literary works with vampiric themes have attracted a lot of readers over the years, this fact is confirmed by the great demand and increase of new publications of literary works that present this theme. However, the journey in the fantastic literature of the vampire character is not something new and its presence can be observed in several artistic creations over the centuries. Thus, the present dissertation aims to analyze the transformations that the literary vampire character has undergone over time and how these changes are related to the socio-cultural context in which the character is inserted in contemporary literature. Therefore, a descriptive, bibliographic and qualitative research was carried out, in which some relevant vampire characters were analyzed and compared from predefined thematic categories, created by different writers in different countries and at a different period of time, such as *Drácula*, by Bram Stoker as a model of aristocratic vampire, *Lestat de Lioncourt*, *Entrevista com o Vampiro*, by Anne Rice, *Inverno*, the antagonist of the literary work *Os Sete*, by Brazilian writer André Vianco and Edward Cullen, *Crepúsculo*, by Stephenie Meyer. As a theoretical basis to anchor ourselves during the research, we return to literary works that deal with fantastic narratives in literature (FURTADO, 2017) and the construction of the fictional character (CANDIDO, 2018), in addition to historical and anthropological studies on vampires and their legends (LECOUTEX, 2005). The result obtained in this research confirms that the vampire character is in constant transformation, molding itself according to the period of time and the society in which it is inserted, acquiring more and more modernity traces in its constitution, and becoming humanized throughout this process.

Keywords: Vampires, Contemporary Literature, Fantastic literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
2. ASPECTOS TÉORICOS NA LITERATURA VAMPIRESCA.....	13
2.1 O modo fantástico	13
2.2 O monstro e o grotesco.....	16
2.3 A personagem de ficção	19
3. ACENOS HISTÓRICOS: O VAMPIRO AO LONGO DOS TEMPOS.....	23
3.1 O vampiro folclórico e histórico	23
3.2 Anatomia de um vampiro	27
3.3 Sangue é vida.....	30
3.4 Páginas sangrentas: o vampiro literário.....	34
4. OS VAMPIROS LITERÁRIOS – ONTEM E HOJE.....	44
4.1 Conde Drácula	49
4.2 Lestat de Liuncourt.....	50
4.3 Inverno.....	51
4.4 Edward Cullen.....	52
4.5 O confronto entre as gerações	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS.....	65

INTRODUÇÃO

O vampiro não é só uma criatura que, no passado, foi considerada um fenômeno genuíno, mas é também uma presença universal. O desenvolvimento desse mito em diferentes partes do globo, em culturas sem qualquer vínculo, e suas origens antigas, sugere que o medo provocado por ele tem raízes profundas na psique humana. “Vivo” desde os primórdios da humanidade, soube encontrar seu espaço na história, na literatura, no cinema e nas artes em geral. Adentrando no universo da literatura, apresenta-se como uma personagem popular e enigmática, que suscita os mais variados sentimentos nos leitores, que vão desde medo, terror, sedução e até mesmo identificação. Assim, como leitora desse tipo de literatura, observei com curiosidade a crescente demanda por obras que exploram o universo dos vampiros seja no mercado editorial, seja no aumento das produções cinematográficas e em séries de serviços de *streaming*, surgindo o interesse em adentrar mais afundo na história da personagem para compreender o fascínio que ela exerce sobre as pessoas, talvez pelo mistério que envolve a sua existência ou ao fato de ela ser tão repulsiva e enganosamente atraente.

Atualmente, no cenário mundial, obras e sagas juvenis voltadas ao tema são sensação entre jovens, e fazem grande sucesso também em suas adaptações tanto para o cinema quanto para a televisão, culminando num fenômeno recente da escrita jovem, as chamadas *fanfictions*. Tomemos por exemplo a saga *Crepúsculo* (2009), da autora americana Stephenie Meyer e *Diários do Vampiro* (2009), de L.J. Smith: ambas as séries possuem adaptações para o cinema e televisão, rendendo grande destaque para o vampiro na cultura *pop*. Já no cenário nacional da literatura fantástica, que tem se mostrado em ascensão, André Vianco, Eduardo Spohr, Carolina Munhóz e Raphael Draccon têm se destacado com suas obras que exploram o universo de criaturas como vampiros, anjos, fadas e demais seres sobrenaturais, como bruxas e lobisomens.

A personagem vampiro da maneira como é concebida hoje é fruto de uma série de transformações sofridas ao longo dos tempos; vampiros, desde Drácula, de Bram Stoker, até os apresentados por Vianco, sofreram inúmeras metamorfoses em sua constituição e características, tendo bebido em diversas fontes ancestrais de inspiração e explorado diversos lugares-comuns na recriação da personagem. Com o mito sendo sempre modernizado, sem perder, contudo, a sua essência sobrenatural, com face de monstro, mas que aparenta ser humano, que não suga só nosso sangue, mas também as nossas energias e apresenta uma

dualidade entre o bem e o mal que serve de ponto de partida para a introspecção da natureza humana, o vampiro continua sendo uma das personagens mais exploradas pelas artes em geral.¹

No universo da literatura, nos últimos anos, tem aumentado gradativamente o interesse de pesquisadores sobre o universo vampiresco e temas que envolvem o insólito, uma vez que tal temática tem conquistado cada vez mais leitores pelo mundo inteiro e é um fenômeno a ser observado. Pelo Brasil, grupos de estudos voltados à discussão especificamente da literatura fantástica tem se disseminado, culminando em produções e eventos sobre a temática fantástica e suas vertentes². Além disso, ao buscar referências de produções acadêmicas sobre a temática vampiresca identifiquei um número crescente e significativo de produções tanto em português quanto em inglês, e que serviram tanto de base para consulta e delimitação da temática da presente pesquisa, quanto de base para a pesquisa de referências bibliográficas teóricas, cito aqui como exemplos as dissertações de Cristina Azevedo da Silva - UPF³, que trata sobre o sobrenatural e o fantástico em obras de André Vianco e Paula Cristina Damásio Lagarto – Universidade de Évora - Portugal⁴, que retoma a evolução dos vampiros na literatura e em outras artes, principalmente a cinematográfica.

Logo, a partir da leitura de publicações e obras que exploram o tema dos vampiros no universo da literatura e tendo em vista as inúmeras abordagens que a personagem possibilita, é que a presente dissertação se justifica, uma vez que, sendo grande fã e leitora de histórias de vampiros desde minha adolescência, também busco dar a minha contribuição acadêmica para o assunto, com a culminância desta pesquisa que é uma continuação dos estudos iniciados durante a graduação em Letras, desta vez procurando responder à uma pergunta que sempre me causou curiosidade: como se deu o processo de transformação da personagem vampiro na literatura, passando de mito a personagem literário e adquirindo o seu status atual na literatura contemporânea?

¹Disponível em <<https://www.guinnessworldrecords.com/news/2014/1/frankensteins-dracula-godzilla-which-movie-monster-owns-the-best-record-54631>> Acesso em 10 fev. 2021.

²Disponível em <<http://literaturafantastica.pro.br/o-que-e-o-grelf/>><<http://www.sepel.uerj.br/grupos-de-pesquisa/>> Acesso em 10 fev. 2021.

³SILVA, Cristina Azevedo da. **O sobrenatural na fantasia vampiresca de André Vianco** / Cristina Azevedo da Silva. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo. Disponível em <https://secure.upf.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1012> Acesso em 18 nov. 2020.

⁴LAGARTO, Paula Cristina Damásio. **Os vampiros do novo milênio: evoluções e representações na literatura e outras artes** / Paula Cristina Damásio Lagarto. 2008. Dissertação de mestrado – Letras /Literatura americana contemporânea. Universidade de Évora. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10174/17224>> Acesso em 10 mar. 2020.

Dessa forma, tenho por objetivo desta pesquisa apresentar algumas transformações que o vampiro sofreu ao longo dos tempos, partindo dos mitos e primeiros acenos literários e chegando até sua apresentação atual; procurando comparar algumas personagens vampiros entre si e identificar suas aproximações e divergências durante este processo de transformação histórica. Para tanto, farei a análise e comparação das personagens escolhidas, por ordem cronológica de publicação, por meio da categorização temática, optando pelo procedimento por caixas, em que “primeiramente é fornecido o sistema de categorias e repartem-se da melhor maneira possível os elementos, à medida que vão sendo encontrados” (BARDIN, 2003, p. 119). Assim, algumas categorias serão elencadas a fim de observarmos as transformações que o vampiro sofreu: a) O sangue e o vampiro; b) O vampiro e a sedução; c) Os poderes do vampiro; d) Características físicas e transformações; e) As origens do vampiro.

As personagens escolhidas para compor o *corpus* da pesquisa seguiram o meu gosto pessoal por este tipo de literatura e ordem cronológica de publicação, e procurou apresentar obras que tiveram certa relevância, pertinência e sucesso literário nas épocas em que foram publicadas, cada uma representando um século. As respectivas obras e personagens que formam o nosso *corpus* são *Drácula*, de Bram Stoker, com a personagem Conde Drácula, *Entrevista com o Vampiro*, de Anne Rice, onde analisei o vampiro Lestat, *Os Sete*, do escritor brasileiro André Vianco, com a personagem Inverno e *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, com Edward Cullen.

Para tanto, as teorias que ancorarão e embasarão a pesquisa em relação aos aspectos literários presentes nas obras são *Introdução à literatura fantástica*, de Tzvetan Todorov (2017), *O fantástico: procedimentos de construção narrativa em H.P. Lovecraft*, de Filipe Furtado (2017) e *A personagem de ficção*, de Antonio Candido (2018), bem como *História dos vampiros* (2005), de Claude Lecoutex que explora o mito do vampiro, sob a visão de um antropólogo, *Lendas de sangue* (2007), de Flavia Idriceanu e Wayne Bartlett e *Antologia do vampiro literário*, de Bruno Berlendis de Carvalho (2010), que serviu como um guia do vampiro literário, retomando escritores clássicos, suas obras e contribuições para a evolução da personagem no universo da literatura.

A pesquisa em sua constituição será de ordem bibliográfica e qualitativa. De acordo com Prodanov e Freitas (2009), esta investigação caracteriza-se quanto aos objetivos, como descritiva. Pois:

Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos (p. 52).

Quanto aos procedimentos técnicos, classifica-se como bibliográfica, pois será concebida com base em dados secundários em materiais já publicados, e quanto à abordagem do problema, como qualitativa.

Para tanto, a pesquisa está organizada em três capítulos teóricos. No primeiro capítulo, farei uma retomada teórica de alguns aspectos que envolvem as narrativas vampirescas e que auxiliam no entendimento de passagens das tramas e características atribuídas às personagens, bem como o modo fantástico e o monstro, além de uma breve revisão bibliográfica sobre a teoria da constituição da personagem de ficção. Já o segundo capítulo procura fazer uma retomada histórica do mito do vampiro na história, no folclore e na literatura, apresentando fatos históricos, datas, simbologias e obras com a temática vampiresca relevantes ao nosso estudo. Logo, o terceiro capítulo retoma os estudos dos vampiros literários, fazendo um paralelo entre os vampiros antigos e os modernos que compõem o nosso *corpus* e apresenta as análises e perspectivas em relação à personagem e suas metamorfoses no universo literário. Finalmente, retomo o objetivo da pesquisa e os resultados das análises e trago as considerações finais e a conclusão da pesquisa, além das referências utilizadas.

2. ASPECTOS TEÓRICOS NA LITERATURA VAMPIRESCA

Como base teórica que ancorará esta pesquisa refletiremos brevemente durante este capítulo acerca de alguns aspectos literários que sustentam as obras analisadas, buscando demonstrar que tais elementos teóricos se apresentam no universo literário analisado ao longo desta pesquisa e nos ajudam a compreender algumas características das obras e das personagens do nosso *corpus*. Assim, ao longo deste capítulo retomaremos o fantástico como um modo, observaremos o “monstro” nas narrativas fantásticas e faremos uma revisão bibliográfica dos estudos sobre a personagem de ficção, buscando destacar a que classificação o vampiro pertence. A escolha das teorias e teóricos abordados aqui se reflete a partir da leitura de outras pesquisas que também analisam personagens vampiros e que se embasaram em algumas destas obras.

2.1 O modo fantástico

A palavra “fantástico” em sua acepção nos conduz ao sentido de algo fantasioso, irreal, até mesmo sobrenatural. No âmbito literário, contudo, foi definido por Todorov (2017) como um gênero literário, vizinho do maravilhoso e do estranho, pautado por algumas características definidas como obrigatórias e pela ideia de apresentar temas do insólito, os quais deveriam causar o sentimento de hesitação em seus leitores. Porém, segundo destaca Martins Gama-Khalil (2013), Irène Bessière, uma contemporânea de Todorov e estudiosa do fantástico, defendia que definir o fantástico como um gênero limitaria a literatura fantástica e a diversidade de obras construídas a partir de variadas formas de trabalho que surpreendem ou contrariam o leitor.

Dessa forma, para Bessière, o fantástico se identifica, então, como um modo, que se estabelece por meio de formas e temáticas cuja finalidade é incitar a incerteza, a dúvida no leitor (MARTINS GAMA-KHALIL, 2013, p. 25). Logo, fugindo da definição de fantástico como gênero e assumindo outras nomenclaturas tais como modo, modalidade ou categoria, teóricos como Furtado, Bessière, Ceserani e Campra procuram compreender essa literatura por uma

visão mais ampla, que privilegia não somente as diferenças entre as obras, mas as semelhanças que as aproximam.

Pela vertente que considera o fantástico como um modo, podemos alargar o enfoque analítico sobre essa literatura, porque o que mais nos interessa nas pesquisas sobre a literatura fantástica não é datar determinada forma de fantástico nem enfeixá-la em uma espécie ou outra, mas compreender de que maneira o fantástico se constrói na narrativa e, o mais importante, que efeitos essa construção desencadeia (MARTINS GAMA-KHALIL, 2013, p. 13).

Para Todorov (2017), o fantástico, designado como gênero, surge como um efeito decorrente da existência de acontecimentos incomuns, sinistros ou insólitos, bem como da possibilidade de se fornecer duas explicações, uma natural e outra sobrenatural para esses acontecimentos. Partindo das considerações de Todorov sobre o gênero fantástico e buscando completar as lacunas na sua teoria, Filipe Furtado indica que

o fantástico comunga com o Maravilhoso e o Estranho o fato de ser uma “literatura do sobrenatural”, marcada pelo domínio de temas que traduzem a “fenomenologia metaempírica” [...] se refere ao que está além do que pode ser compreendido ou verificável tanto pelos sentidos, quanto por nossa capacidade cognitiva [...] (SILVA in FURTADO, 2017, p. 30).

Nesse sentido, segundo Cunha, “o objetivo do fantástico é subverter a percepção que se tem do mundo real, assim, a subversão da realidade é o efeito fundamental do fantástico e o que vai garantir esse feito, no plano ficcional é a manifestação do insólito”, (2017, p. 25), que pode ser definido pela presença do inesperado, perturbador, de um fenômeno inquietante, ou uma ruptura na realidade. “O insólito nasce do repentino estranhamento, não indaga, mas altera o regime normal da consciência” (2017, p. 24). E é nesta ruptura da realidade, e habitando o sobrenatural que o vampirismo surge na literatura fantástica como um tema recorrente, juntamente com demais assombrações como fantasmas e lobisomens (TODOROV, 2017, p. 118), uma vez que a existência de vampiros é uma ruptura das leis naturais.

De acordo com Cunha, as origens da narrativa fantástica remontam ao romance gótico do século XVIII e teve seu conceito estabelecido no século XIX, momento em que o gênero viveu seu ápice na Europa, desenvolvendo-se ainda mais ao longo do século XX.

[...] A maioria dos textos, que incluímos nesse gênero no século XIX e na primeira metade do século XX, deve sua inclusão à presença de vampiros, fantasmas, duplos e seres diabólicos, quase todos dotados das mais interessantes perversões. (CAMPRA, 2016, p.141).

Seu campo temático explora esferas complexas do ser humano, como a sua dimensão psicológica e o sobrenatural, retomando elementos míticos e simbólicos e se ancorando no fator da hesitação. “O fantástico abarca o universo da linguagem e é por meio desta que será criada uma profunda incoerência entre os elementos do cotidiano; a causa da angústia estará na falta de nexos, no surgimento do absurdo” (CUNHA, 2017, p. 17).

A literatura fantástica lida com o insólito, o proibido que, ao mesmo tempo, é horripilante e sedutor. Se aproxima de aspectos dos sonhos e desejos ocultos no inconsciente humano a partir do envolvimento com o leitor e suas temáticas. Para Ceserani, o conto fantástico, em sua estrutura narrativa, tem o objetivo de envolver e conduzir o leitor

para dentro de um mundo a ele familiar, aceitável, pacífico, para depois fazer disparar os mecanismos da surpresa, da desorientação, do medo: possivelmente um medo percebido fisicamente, como ocorre em textos pertencentes a outros gêneros e modalidades, que são exclusivamente programados para suscitar no leitor longos arrepios na espinha, contrações, suores (2006, p. 71).

Aos seus leitores, no entanto, os textos fantásticos representam uma contraditória aventura: pretendem constituir-se como realidade, mas uma realidade sobre a qual devemos exercer a descrença, que Todorov (2017) chamava de “hesitação”.

Ao mesmo tempo em que solicitam a nossa aceitação, exigem nossa dúvida sobre o que o próprio texto nos apresenta como verdade (como sua verdade) (CAMPRA, 2016, p. 26). “Como é possível que realmente existam vampiros? Como uma humana conseguiu engravidar de um vampiro, sendo que ele é um morto vivo? Como os vampiros conseguem se infiltrar na sociedade sem serem descobertos? Como foi possível o vampiro Inverno congelar o mar?”

Campra completa, afirmando que todo texto ficcional solicita a credulidade ou, melhor dito, a cumplicidade do leitor: solicita o reconhecimento da “verdade” de sua ficção. Ao redor das condições para a cumplicidade, foi se construindo o conceito de verossimilhança [...] (2016, p.74).

Para Furtado, qualquer narrativa fantástica deixa transparecer a constante aplicação de numerosos processos tendentes a promover a credibilidade do conjunto de acontecimentos, figuras e cenários representados ao longo do discurso (2017, p. 93). Furtado destaca ainda que, o fantástico não tem existência sem que tome corpo, na narrativa, a ambiguidade dos fenômenos encenados (2017, p. 129).

Dessa forma, a literatura fantástica é uma literatura que aborda temas sobrenaturais, que causam estranheza e dúvida no leitor, mas que procura apresentá-los como algo real e possível. Abarcando assim, temas envoltos pelo insólito, lugar em que personagens como o vampiro habitam.

2.2 O monstro e o grotesco

O vampiro é um monstro chupador de sangue, que se configura justamente da mistura dos domínios entre o sobrenatural e o absurdo, a vida e a morte; onde se aniquilam as ordenações que regem as leis do nosso universo, ou seja, é um ser que faz parte do território do insólito, temática desenvolvida na literatura fantástica.

Contudo, Furtado destaca que o monstro não é necessariamente fantástico, surgindo com maior frequência no estranho e no maravilhoso e, de forma ocasional, em diversos outros tipos de textos literários. Para se tornar propício à construção fantástica, não deve significar algo, ser integrável em qualquer linha de pensamento racional, servir um propósito imediatamente aparente ou ter uma origem definida (FURTADO, 2017, p.146).

Segundo “*A Cultura dos Monstros: Sete Teses*”, do ensaísta Jeffrey Jerome Cohen, todo monstro é a corporificação de um momento sócio-histórico e, por conseguinte, cultural, representando seus desejos, medos, anseios e fantasias. Ao recuperar sentidos através da etimologia da palavra – monstros como o ser ou o objeto “que revela”, “que adverte” –, Cohen propõe que se entenda a criatura monstruosa como “um glifo em busca de um hierofante” (COHEN, 2000, p. 27). Como uma projeção, o monstro parece incorporar e demonstrar o porquê de sua existência.

Filipe Furtado (2017, p. 21) destaca que as causas que movem os monstros em suas tramas situam-se em um passado pré-humano – o tempo da origem dos seres abomináveis, cujas ações se fazem sentir no presente, lembremo-nos então de Drácula, sua transformação em

vampiro ocorreu num passado distante, porém, reflete diretamente nas mortes e no sofrimento que ele inflige no presente.

É possível, ainda, colocarmos o mito do vampiro diretamente sob a perspectiva da teoria do grotesco, de Wolfgang Kayser, pois observaremos que existe uma identificação que se dá pela mistura do animalesco e do humano, constituindo-se então no monstruoso, principal característica do grotesco (2009, p. 24). E o vampiro, objeto do nosso estudo, nada mais é do que um ser monstruoso que se alimenta de sangue. Nas páginas mais sombrias sobre o maligno sobrenatural, não existe tradição mais terrível do que a do vampiro, um pária até entre os demônios:

[...] praga hedionda, [...] ser imundo, que surge ao anoitecer do seu túmulo profano para disseminar o vampirismo pelos campos. Na Antiguidade, os assírios já se referiam aos vampiros, que espreitavam nos bosques primevos do México antes da chegada de Cortez. Eles são temidos pelos chineses, pelos indianos e pelos malaios; e os contos árabes mencionam reiteradamente os demônios necrófagos que assaltam malfadadas sepulturas e encruzilhadas solitárias, para atacar os viajantes desafortunados (LECOUTEX, 2005, p. 161).

O vampiro encaixa-se perfeitamente nas categorias do grotesco, e do monstro, pois se constitui da mistura dos domínios da humanidade e da monstruosidade. O grotesco é “sobrenatural” e “absurdo”, como a própria existência do vampiro, no grotesco se aniquilam as ordenações que regem o nosso universo e o vampiro nada mais é do que uma contradição, sua existência não tem explicação lógica. Já o monstro, “é apresentado na narrativa como a subversão das próprias leis do universo” (FURTADO, 2017, p. 23), assim como a existência dos vampiros. O vampiro é um monstro que habita e se esconde na escuridão, manifestação do próprio mal na Terra. Furtado destaca: “o retraimento é detectável no monstro: oculta-se no escuro - é, por vezes, a própria escuridão (2017, p. 66).

Para Roger Caillois (apud LECOUTEX, 2005, p. 15) “[...] os vampiros jamais cessaram de fascinar os vivos, certamente porque são um rasgo na trama das certezas científicas, tão solidamente tecida que parecia jamais dever sofrer o assalto do impossível”. Além disso, esse ser apresenta características que o tornam, de ser certa forma, um super-humano, mesmo sabendo que ele já perdeu sua humanidade ele ainda apresenta a forma humana, possuindo a força de vários homens e poderes sobrenaturais, como o controle sobre animais e o clima. “Grande número das personagens a que cabe o estatuto de sujeito-monstro apresenta uma

aparência mais ou menos antropomórfica, o que as vincula a certas conotações humanas (FURTADO, 2017, p.146).

O monstro até se pode tornar mais propício à sua construção, se mantiver um mínimo de elementos que o relacionem, ainda que de forma longínqua e apenas sugerida, com a realidade física ou psíquica do homem. Por se aproximarem do humano, sem contudo coincidirem por inteiro com ele, tais figuras passam uma maior credibilidade, do que se assumissem um aspecto completamente informe, desse modo facilitando a identificação do receptor do enunciado, para além de a sua aparência dúbia favorecer a indefinição indispensável ao gênero (FURTADO, 2017, p. 147).

De fato, o vampiro é um monstro que apresenta a forma humana, contudo, sofreu alterações físicas e comportamentais, regressando ao “animalesco”. “Por vezes quando o monstro reveste uma aparência humana, o processo de envelhecimento pode tornar-se mais uma forma de acentuar a diferença radical que opõe à natureza da vítima”. (FURTADO, 2017, p. 57). No caso dos vampiros, o não envelhecimento, a palidez mórbida, os olhos que mudam de cores e as presas são fortes indícios de sua metamorfose.

O domínio monstruoso inicia-se, geralmente, sem que a vítima tenha consciência dele e desenvolve-se num crescendo, até que se torna inelutável, originando a multiplicação de diversos sinais exteriores que anunciam a transformação iminente... metamorfose. (FURTADO, 2017, p. 56).

Para Furtado, a possessão (da vítima) pode determinar um progressivo afastamento das características humanas e, mais raramente, a transformação em monstro (FURTADO, 2017, p. 58), como ocorre entre o vampiro e sua vítima em processo de transformação, caso ela não morra antes de ser completado o processo.

A figura sobre a qual recai, de forma mais imediata, o domínio maléfico do monstro sente, muitas vezes, esvair-se-lhe a vontade própria, aos poucos substituída pela duma entidade outra (FURTADO, 2017, p. 59). “O monstro estende o seu domínio físico e psíquico não só a várias personagens humanas, mas também a toda a matéria orgânica, se alimentando dos seres vivos cuja desintegração provoca” (FURTADO, 2017, p. 77).

Tal domínio ocorre no caso dos vampiros, que usam de seu poder hipnótico e de sedução para atrair suas vítimas e controlá-las, enquanto sugam-lhe suas energias.

Para Camara (2013, p. 6),

“por sua ligação com práticas e comportamentos proibidos, o monstro é capaz de causar medo e também, paradoxalmente, uma espécie de desejo, por evocar fortes fantasias que fogem do que é moralmente correto”. Essa sedução exercida pelo monstro se enquadra perfeitamente no espaço delimitado da obra ficcional, tornando-o elemento significativo para causar o prazer estético. Ele nos desperta para os deleites do corpo, para os prazeres simples causados por amedrontar e ser amedrontado, e aceitamos o acordo porque sabemos que o monstro está num domínio seguro de expressão e ludicidade: a obra ficcional.

De fato, o vampiro é um monstro que evoca fantasias e comportamentos depravados a partir de seu domínio psíquico, sua sensualidade e ligação com temas que envolvem sexualidade, erotismo, morte e pecado. Contudo, não passa de um ser “movido por forças que desconhece e não controla” (FURTADO, 2017, p. 196). É a indefinição de sua existência que causa o fascínio sobre os leitores deste monstro, que subjuga a vítima para roubar-lhe o que não tem, a força vital.

2.3 A personagem de ficção

A personagem de ficção vampiresca, pela sua importância dentro do desenvolvimento do enredo é o cerne de nossa pesquisa. Dessa forma, justificamos a necessidade de revisitarmos brevemente a teoria da personagem de ficção, uma vez que é importante compreendermos a constituição teórica e os tipos de personagem para posteriormente observarmos tais aspectos nas personagens que compõem o nosso corpus.

Antonio Candido em *A personagem de ficção* (2018), afirma que “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo” (p. 53). Tal declaração destaca que, embora a personagem se revele como o elemento mais vivo e atuante no romance, ela somente terá valor significativo quando engendrada no enredo da obra. Conforme Candido, dentro do romance moderno, a personagem é o ser que mais se movimenta, atua e se comunica. “Como se configurou nos séculos XVIII, XIX e começo do século XX; mas que só adquire pleno significado no contexto, e, portanto, no fim das contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia de um romance” (CANDIDO, 2018, p. 55).

A personagem é um ser fictício e enquanto criação literária só existe na ficção. É a partir dela e de sua relação com o leitor que se instaurará a verossimilhança. Desse modo, é a personagem que revela o caráter ficcional de uma obra, pois é com o seu surgimento que uma situação concreta se desenvolve. A personagem representa a concretização de um ser particular, criada a partir de elementos que se cruzam, tecendo, assim, suas características essenciais e específicas.

Em todas as artes literárias que narram ou representam uma história a personagem constitui a ficção, é o elo responsável por criar afinidade com o leitor e despertar a sensação de que o fato narrado é verdade, a chamada verossimilhança.

É geralmente com o surgir de um ser humano que se declara o caráter fictício do texto, por resultar daí a totalidade de uma situação concreta em que o acréscimo de qualquer detalhe pode revelar a elaboração imaginária (ROSENFELD apud CANDIDO, 2018, p. 23).

No texto literário, é a personagem quem representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual com o leitor, a partir de tal identificação é que o personagem consegue parecer aos olhos do leitor que ele tem vida. “Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste” (CANDIDO, 2018, p. 55).

A personagem, a partir das “hábeis e poderosas mãos de seu criador que as agitam e transmitem ao leitor a sensação enganosa de profundidade” (FORSTER, 2005, p. 95), pode ser delimitada e estabelecida conforme uma estrutura previamente organizada; a complexidade ou multiplicidade da personagem varia de acordo com os objetivos propostos pelo autor e a partir de tais características o leitor será influenciado em sua relação com o texto.

A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade [...] devido à sua unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. [...] graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação (CANDIDO, 2018, p 59).

A partir disso, pode-se dizer que a personagem é mais lógica, embora não simples, do que o ser vivo. O romancista, na criação de uma obra consegue combinar diversos elementos de caracterização, conseguindo com perícia simular o modo de ser de uma pessoa real a partir de uma personagem fictícia. “Mas as pessoas de um romance podem ser completamente compreendidas pelo leitor, se assim o desejar o romancista; sua vida interior pode ficar tão exposta quanto a exterior” (FORSTER, 2005, p. 77).

Candido destaca que em um certo momento da ascensão do romance moderno, as personagens foram organizadas seguindo uma certa lógica de composição que as separava em dois tipos:

1) como seres íntegros e facilmente delimitáveis, marcados duma vez por todas com certos traços que os caracterizam; 2) como seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas têm certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério (CANDIDO, 2018, p. 60).

Basicamente tal separação constitui em classificar as personagens como simples ou complicadas. Com o passar dos tempos, com a evolução técnica do romance na questão da composição da personagem, novos estudos surgiram; Edward Forster, na obra *Aspectos do Romance* (2005), retomou a distinção de modo sugestivo e mais amplo, falando pitorescamente em personagens planas e personagens redondas. Ele faz uso também da palavra pessoas, em substituição à personagem.

Forster reconstitui a classificação das personagens, destacando que as personagens planas eram chamadas temperamentais no século XVII e por vezes também conhecidas como tipos, ou caricaturas.

Na sua forma mais pura, são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade; quando não há mais de um fator neles, temos o começo de uma curva em direção à esfera. [...] Tais personagens são facilmente reconhecíveis sempre que surgem; são em seguida, facilmente lembradas pelo leitor. Permanecem inalteradas no espírito porque não mudam com as circunstâncias (FORSTER, 2005, p. 91).

Contudo, as personagens esféricas não recebem uma classificação definida de Forster, sendo possível, no entanto, a partir dos exemplos por ele apresentados indicarmos que uma

personagem redonda, ou esférica, é aquela criada de forma mais complexa, apresentando mais de uma dimensão, capaz de nos surpreender de forma convincente.

Porque devemos admitir que pessoas planas não chegam a ser, em si mesmas, um feito tão notável quanto as pessoas redondas, e também que elas são melhores quando são cômicas. Um personagem sério ou trágico que seja plano tende a ser um tédio (FORSTER, 2005, p. 96).

Logo, resumindo os conceitos de Forster, se uma personagem for facilmente identificada e lembrada pelo olhar do leitor esta é uma personagem plana. Porém, se apresentar mudanças, se surpreender o leitor, se for mais complexa, será redonda.

Com base nas teorias apresentadas ao longo deste capítulo teórico, que nos demonstra aspectos relevantes a serem levados em conta sobre o nosso *corpus* de pesquisa e nos auxiliam no melhor entendimento de certos aspectos e características das obras e personagens, destaca-se que as nossas personagens analisadas são figuras comumente presentes em obras fantásticas; também são monstros e/ou grotescas, uma vez que são a mistura dos domínios humanos e animais, configurando o rompimento das leis da natureza com a sua existência sobrenatural e sem uma explicação racional; já, sob a luz da teoria da personagem, se enquadram na categoria de personagens redondas, pois, surpreendem os leitores ao longo da narrativa com a evolução de suas maldades, nunca sendo possível prever qual será seu próximo passo neste jogo perverso que é criado entre vampiros, esses seres monstruosos, e suas vítimas.

3. ACENOS HISTÓRICOS: O VAMPIRO AO LONGO DOS TEMPOS

Há séculos, a imaginação humana é assombrada pela figura do vampiro, uma criatura envolta em escuridão e lendas, que desperta à noite e se alimenta do sangue fresco de suas vítimas para repor suas forças. Ao longo do tempo, numerosas lendas, rumores e testemunhos de acontecimentos alimentaram um fascínio compulsivo pelo horror que representam os “mortos-vivos”.

3.1 O vampiro folclórico e histórico

Relatos de seres que retornavam de seus túmulos à noite para se alimentar da energia vital dos vivos são conhecidos desde a antiguidade, no século XVIII, por exemplo, na Europa Ocidental, tal medo tomou tamanha proporção que eclodiu como uma onda de vampirismo, levando a população à histeria e aterrorizando povoados inteiros. A mentalidade de toda uma comunidade era dominada durante as infestações vampírescas. Quando se procedia a uma exumação, por exemplo, a maioria das pessoas presentes “via” as reações do vampiro quando ele era destruído (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 8).

Ao analisarmos a etimologia da palavra “vampiro” observaremos que ela deriva do termo eslavo *vampyr*, e não há dúvidas de que essa criatura é bem conhecida pelos aldeões romenos. *Nosferatu*, *necuratul* e *strigoi* também são termos que eram bastante utilizados pelos camponeses para se referir a esses seres, esse último significando mulher vampira (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 94). Já na Grécia, por exemplo, *vrykolakas* era a palavra utilizada para se definir um vampiro.

Contudo, estudiosos descobriram que relatos sobre tais seres são muito mais antigos do que se imaginava, sendo encontrados, inclusive, nas mais diferentes e remotas culturas espalhadas pelo mundo, como no Egito, China, Filipinas e Indonésia, onde a população relatava seu terror por criaturas chupadoras de sangue, podendo então relacionarmos a origem dos vampiros às práticas egípcias de culto à morte e rituais envolvendo sangue (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 7).

Observa-se que o mito ao redor da figura do vampiro ultrapassou limites terrestres, infiltrando-se nas mais diferentes culturas, como podemos destacar a partir dos seguintes versos extraídos do folclore da Galícia:

O poder do vampiro é imenso e multifacetado, mesmo em vida ele pode matar as pessoas ou comê-las vivas; pode causar ou fazer desaparecer várias doenças e epidemias, tormentas, chuva, granizo e outros fenômenos; ele lança feitiços nas vacas e no seu leite, nas colheitas e no gado; ele sabe todos os segredos e o futuro, etc. Além disso, pode se tornar invisível ou se transformar em vários objetos, especialmente os de forma animal (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 80).

De acordo com Claude Lecouteux (2005, p. 158), historicamente, os vampiros floresceram no século XVIII, o chamado século das Luzes, em que a religião era posta em causa e a ciência deveria explicar tudo; para Dunn-Mascetti: “é fácil encontrar referências às origens dos vampiros nos primórdios da humanidade, quando o ser humano tentava compreender o sentido da vida e da morte, porque se algo podia ser definido, talvez pudesse ser controlado” (2010, p. 162-165). E foi justamente aí que os vampiros se espalharam como uma epidemia, dizimando povoados inteiros, infestando as aldeias rurais do leste da Europa, como nas províncias da Hungria, da Romênia e da Transilvânia e alimentando o imaginário dos supersticiosos.

Percebe-se que a humanidade, muitas vezes, acreditou que compartilhava o mundo com espíritos bons e maus; durante séculos, as causas do sofrimento e da doença eram atribuídas a espíritos malignos. O medo da morte e de que as almas dos mortos ficassem presas na Terra deu origem aos antigos rituais fúnebres. Acreditava-se que, quando tais rituais não eram respeitados e algo dava errado, o morto, não encontrando a paz, voltava para punir os vivos (COULANGES, 2004).

Além da epidemia de vampiros coincidir historicamente com as invectivas da Razão, outro fato histórico também desempenhou importante papel na construção do mito. Os eruditos Gábor Klaniczay e Karin Lambrecht, acabaram por descobrir que a emergência do vampirismo coincidiu exatamente com o fim da caça às bruxas na Europa e tomou o seu lugar, como se as pessoas daquele tempo tivessem necessidade de exorcizar seus temores, necessidade de uma explicação para os males que as atingiam, como aquelas epidemias repetidas de peste e de cólera (LECOUTEUX, 2005, p. 159). Vale ressaltar aqui que muitos relatos de atividade vampiresca quase sempre coincidem com o “lado escuro da natureza”, que é a doença.

De acordo com Idriceanu e Bartlett (2007), essas histórias, e outras semelhantes, se apoderavam do imaginário da Europa ocidental. O resultado foi um grande número de publicações sobre vampiros, e as imaginações vívidas de um público aparentemente insaciável proporcionaram um solo fértil para editores ambiciosos. Esses livros, porém, não eram obras literárias típicas que exploravam o tema do vampiro, mas tratados acadêmicos que tentavam analisar o fenômeno. Desse modo, a discussão sobre o vampiro se difundiu, tornando-se, inclusive, digna de consideração por parte dos maiores filósofos da época, entre os quais Voltaire e Rousseau (p. 34-37).

Escritor particularmente importante sobre o tema, D. Augustin Calmet, padre beneditino e abade de Senóvia, em 1746, redigiu a *Dissertação sobre os Vampiros, os Regressantes, os Excomungados, os Brucoletes etc.*, dedicada ao príncipe Carlos de Lorena, Bispo d'Olmütz, no qual procurou explicações científicas para o fenômeno do vampirismo. Após o fenômeno ter sido examinado, Calmet concluiu que “as histórias sobre essas aparições e toda a aflição causada pelos supostos vampiros eram totalmente destituídas de provas sólidas”, e que o vampirismo seria causado pela subnutrição dos povos balcânicos, que lhes dá asas à imaginação. Contudo, repentinamente ele deixou de falar que os vampiros não existiam e aceitou que algumas evidências pareciam bastante inegáveis.

De fato, antigamente, os povos eram movidos a estranhas credences, principalmente no que dizia respeito à morte. Na Grécia e Roma antiga, por exemplo, jamais se acreditou que tudo acabasse com a morte do homem (COULANGES, 2004, p. 13). Acreditava-se em uma segunda existência e a morte não era vista como aniquilação do ser, mas como uma mudança de vida. Portanto, com a morte do homem, sua alma continuaria atrelada a seu corpo na terra, e seria enterrada junto com o corpo do morto, como se observa em relatos de rituais fúnebres antigos.

Em tais cerimônias, costumava-se chamar pelo nome do morto por três vezes, desejando-lhe uma vida feliz debaixo da terra, além das frases: “passe bem” e “que a terra te seja leve”, em uma demonstração da crença de que se continuaria a vida embaixo da terra. Essa crença era tão forte, da vida além-túmulo, que as pessoas mantinham o hábito de enterrar juntamente com o cadáver seus antigos pertences, como roupas, alimentos e até mesmo animais, como por exemplo, cavalos, pois estes seriam necessários para o bem-estar do morto (COULANGES, 2004, p.15).

Assim, podemos compreender as estranhas superstições que os povos europeus seguiram diante da histeria provocada pela onda do vampirismo, havendo então inúmeros casos de exumação e decapitação de cadáveres que apresentavam características que o povo julgava

anormais, como a não putrefação do corpo, unhas e cabelos que não paravam de crescer, entre outros.

Existem relatos escritos de tais práticas, e de testemunhas oculares que presenciaram a manifestação de tais seres, como por exemplo, os casos de Peter Plogojowitz e Arnold Paole, dois homens, que, segundo os textos, aterrorizaram seus povoados após sua morte e, ao serem exumados, apresentavam características clássicas do vampirismo.

No entanto, esse e muitos outros relatos, assinados e testemunhados por autoridades e médicos locais e até de cidades maiores, formaram a base tangível da crença no vampirismo. Esses acontecimentos, embora tenham permanecido ocultos nas páginas amareladas dos livros de história, são tão verdadeiros quanto qualquer acontecimento histórico e criaram um fascínio horrível para os ouvidos refinados do espírito romântico que prevalecia na Europa da época (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 28-29).

O medo compulsivo, inclusive o terror histórico no caso dos vampiros, pode ocorrer paralelamente às causas do infortúnio, onde não existem limites para a mente aterrorizada quanto ao que é considerado um comportamento suspeito para um cadáver. Os ciganos, por exemplo, afirmam que “se depois de um período de tempo o corpo se mantiver intacto, exatamente como foi enterrado, ou se ele parecer inchado ou escurecido, portanto, com um aspecto horrível, a suspeita de vampirismo está confirmada” (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 63).

Portanto, se lermos cuidadosamente essa afirmação, percebe-se que não havia escapatória: se o corpo permanecesse como era, tratava-se de um vampiro; se ele mudasse, também se tratava de um vampiro. Logo, o medo dos vampiros era tão grande no leste da Europa que as comunidades dos vivos achavam que a melhor maneira de reconhecer um vampiro era fazer uma lista de todas as anormalidades possíveis de um cadáver.

Para a Igreja, teoricamente, só o corpo dos excomungados não se decompõe. Segundo a Igreja Ortodoxa da Europa Oriental, os corpos presos por uma maldição não são recebidos pela terra, não se desfazem, mantendo-se incorruptos e inteiros. Esse morto-vivo perambula à noite e gasta o dia em sua tumba até que alcance a absolvição ou seja eliminado por algum processo. Talvez isso explique por que a crença em vampiros seja tão difundida nos países ortodoxos, particularmente na Transilvânia (WALDMAN, 1982, p. 4), terra natal de Drácula, de Bram Stoker, estereótipo de vampiro literário, que será analisado no próximo capítulo.

3.2 Anatomia de um vampiro

Como referido anteriormente, ao analisarmos a palavra “vampiro” e sua etimologia, perceberemos que ela parte de uma raiz comum na maioria das línguas mediterrâneas e em territórios mais próximos da pátria de Drácula, formada por *vam*, que significa “sangue”, e *pyr*, que significa monstro, possui o significado de “chupador de sangue”, e a referência mais antiga a essa palavra surgiu na Eslovênia (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 168).

Popularmente, o vampiro é um sugador de sangue que se aproxima à noite de quem está dormindo e provoca-lhe morte lenta, aspirando sua substância vital. Interessante construto mental: no fenômeno do vampirismo, se fundem o registro histórico, as lendas e a literatura (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 9), sendo o vampiro um ser que habita o imaginário dos seres humanos há muitos séculos, que não está morto, nem vivo e coexiste em uma estranha existência paralela entre dois mundos, entre o céu e a terra, entre a vida e a morte.

Não é um anjo caído, não é um fantasma, não é um demônio. E talvez seja exatamente pela indefinição de sua natureza que o fascínio pelos vampiros não cessa entre os vivos, pois, de acordo com Idriceanu e Bartlett (2007), somos até certo ponto, prisioneiros de um sorvedouro mental, em que o medo e a fascinação pelo desconhecido e o sobrenatural subsistem, sendo encontrados no centro da efetividade do mito do vampiro (p. 10), cuja existência representa uma contradição, um rompimento na ordem natural das coisas.

Sabe-se que desde muito tempo acontecem tentativas de se definir com exatidão a sua natureza. Observa-se que, fisiologicamente o vampiro está morto, porém, de alguma forma sobrenatural seu espírito retornou do mundo dos mortos para reanimar seu corpo sem funções vitais,

mas os vampiros não entram em nenhuma ordem, em nenhuma classe, em nenhum cálculo da criação. Eles não são nem a vida nem a morte, eles são a morte que afeta a vida; ou antes, são a máscara assustadora de uma ou outra. Os mortos os repelem com pavor à noite, e os vivos não os temem menos (GOZLAN *apud* LECOUTEUX, 2005, p. 16).

Segundo Dunn-Mascetti (2010, p. 52), o vampiro se encontra fora da ordem do tempo que rege as nossas ações, pensamentos e sentimentos humanos, tornando-se um ser capaz de

sentir e ter percepções além das de um ser humano. Além disso, ele não envelhece e, por isso, está fadado a viver eternamente com a aparência que possuía no momento de sua morte.

É como se o vampiro, ao transpor as cortinas da morte, passasse a ter uma percepção mais intensa das coisas. Isso faz sentido, uma vez que o vampiro é mais um “animal” do que um ser humano. Ele é um predador, precisa matar para sobreviver e, portanto, precisa ouvir e ver muito bem tudo à sua volta para capturar a sua presa. Ele se tornou, além disso, um ser sobrenatural e como tal possui poderes que vão muito além das capacidades humanas das quais depende a nossa sobrevivência (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 52).

As origens primitivas do folclore medieval sobre vampirismo, basearam-se no horror do derramamento de sangue em sacrifícios e carnificinas verdadeiras, enquanto que a literatura gótica e romântica sobre os mortos-vivos, surgida durante os séculos XVIII e XIX, é uma versão do vampiro mais erótica e, onde vampiros vulgares transformam-se em sedutores de rosto pálido e bem barbeado, vestidos a rigor.

Precisamos perceber que o vampirismo, com todo seu charme e elegância superficiais, está vinculado a um único aspecto da vida, que é a morte. E é justamente a morte a origem do olhar hipnótico do vampiro, como ele a contém, a vítima é hipnotizada e atraída para o mundo dos vampiros (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 63).

Os vampiros vivem no mundo das sombras, onde a matéria não tem substância nem importância, onde o tempo não existe, onde a vida é eterna e os poderes, desconhecidos e irreconhecíveis aos nossos olhos, governam e se movem de maneiras que vão além da nossa compreensão.

Para o vasto público, os vampiros são criaturas que perambulam à noite em busca de sangue humano para saciar sua sede e desejos, como verdadeiro morto-vivo, o vampiro tem a tez pálida, os caninos longos e pontudos, os lábios vermelhos, as unhas compridas; sua mão é gelada e seu pulso, forte [...] (DUNN-MASCETTI, p. 11), uma descrição que nada tem a ver com o conceito posteriormente vinculado ao vampiro como figura erótica, através da ligação direta entre Lord Byron e o vampiro aristocrático.

Como todos os produtos da imaginação, o vampiro tem assumido muitas formas, sendo cada qual um reflexo de costumes, crenças e medos das diferentes culturas, dessa forma, é difícil

encontrar uma definição para o vampiro, uma vez que todos os aspectos, que variam de uma manifestação a outra, não podem ser contidos em algumas palavras.

Porém, algumas características do vampiro foram mais difundidas do que outras, e algumas delas ganharam novas e diferentes simbologias de acordo com cada relato, obra vampiresca ou ainda transposições para o cinema. As características mais conhecidas são o fato de o vampiro temer o sol, o efeito de crucifixos e alho, o uso de caixões para dormir e sua incapacidade para cruzar a água. Destaca-se que tais descrições são baseadas em folclore e outras são uma influência clara do romance *Drácula*, de Bram Stoker na opinião pública, além de uma forte influência de características disseminadas a partir do cinema moderno.

O vampiro atualmente, em obras literárias e filmes sobre o gênero, apresenta uma caracterização muito semelhante à de um ser humano, sendo um homem, ou mulher, que possui caninos protuberantes, se alimenta de sangue e pode se passar despercebido pela multidão. Contudo, assim como se popularizou uma versão do vampiro com forma humana, existe uma versão grotescamente distorcida:

Segundo nos oferece o verdadeiro e horrível contraste entre a suave carne humana e a podridão da morte. Seus traços físicos são repulsivos: longas unhas que se curvam como garras; pele com a palidez da morte, exceto quando reanimada pelo sangue com que se alimenta; olhos muitas vezes descritos como “mortiços”, mas dotados de um poder hipnótico; e presas semelhantes às do rato, preparadas para o ataque. O vampiro também é psicologicamente repulsivo: é cruel, desprovido de moral; vive à margem de qualquer tipo de sociedade normal, e, portanto a ameaça; chupa sangue; mata sem piedade e, o que é o pior, é capaz de perpetrar o mais definitivo e inumano dos atos: transforma as suas vítimas em criaturas tão hediondas quanto ele, uma decisão unilateral que ninguém meramente mortal sob o seu poder é forte o bastante para evitar (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 13).

O medo de vampiros tem sido uma constante desde que os registros escritos passaram a existir e, assim, essas figuras ameaçadoras de mortos-vivos têm sido encontradas nos mitos mais remotos. Sabe-se que os vampiros desempenharam um papel importante na superstição de alguns povos da Europa central e setentrional, pois era ao vampiro que se atribuía um grande número de mortes misteriosas. Uma vez que, segundo Lecouteux (2005, p. 15), o vampiro faz parte da história desconhecida da humanidade, desempenha um papel no imaginário e tem uma função artística [...], ele se inscreve num conjunto complexo de representações da morte e da vida. [...] O vampiro representa uma inquietação que nasce de uma ruptura da ordem natural

das coisas. Por isso, ninguém poderá negar a importância do estudo do tema para o imaginário humano e para a literatura.

3.3 Sangue é vida

O sangue é uma das imagens centrais das estruturas do pensamento humano, associado à vida e à morte, sacrifício, ritual e violência (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 63). Além disso, é um símbolo de poder e juventude e, da mesma forma, possui uma estreita ligação com o mito do vampiro de vida eterna – ou morte.

Na Bíblia Sagrada, principalmente no Antigo Testamento, encontramos o sangue relacionado à vida, à inocência, ao sacrifício, ao pecado, à doença e à pós-vida. Tem-se como exemplos a história de Caim e Abel, onde o sangue tem o significado de inocência e pecado e na passagem em que os Israelitas estão escravizados no Egito, então Deus ordena que utilizem o sangue do sacrifício de um cordeiro nas portas para simbolizar o sacrifício em seu nome e assim livrar aquela família da devastação. Contudo, no Novo Testamento novos aspectos em relação ao sangue foram introduzidos: o sangue passa agora a simbolizar sacrifício para a vida eterna. Segundo Idriceanu e Bartlett (2007, p. 65), o sangue teria um enorme efeito sobre a psicologia da cristandade.

O sangue contém a própria força vital da entidade em cujas veias flui. É sagrado e precioso e, portanto, deve ser tratado com a devida reverência “porque ele é a vida de toda carne: o seu sangue é a vida, por isso, digo aos filhos de Israel, não deveis consumir o sangue em nenhum tipo de carne: pois a vida de toda carne é o seu sangue: quem o ingerir, será deserdado.”. (LEVÍTICO 18:14 *apud* IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 64).

Em muitas culturas do mundo o sangue tinha um papel significativo e serviu de base para a superstição e a magia desses povos, sendo um símbolo representativo do conceito de sangue como substância vital, a fonte de vida (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 65). Desde alguns mitos cosmogônicos mais antigos até, por exemplo, a tribo dos *caffres*, uma tribo africana, que acredita que seus mortos podem voltar e rejuvenescer bebendo sangue humano (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 166-167), temos exemplos dessa ligação do sangue com o

sobrenatural. Podemos verificar que o simbolismo do sangue fortaleceu a comunicação entre o nível humano e o sobrenatural: as runas, por exemplo, eram de cor vermelha, como se fossem pintadas com sangue, o que as tornava mais poderosas na magia.

Nas culturas primitivas, era costume derramar sangue humano como sacrifício aos deuses e à Mãe Terra; acreditava-se que esta não propiciaria uma boa colheita se não se praticassem rituais sazonais com o sacrifício de algum inocente; temos aqui a representação da Terra como vampira: “a aceitação da eficácia do sangue como oferenda sacrificial a um ser superior persiste na imaginação e nos paradigmas de diferentes culturas” (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 70).

Além disso, é frequente a atribuição de qualidades mágicas ao sangue, no intuito de aliviar o sofrimento e a doença. Idriceanu e Bartlett (2007, p. 71) destacam: “[...] os faraós costumavam banhar-se em sangue para repelir a lepra. [...] Constantino, o Grande, recomendava o uso do sangue para a cura da lepra mesmo após a conversão ao Cristianismo [...]”.

Contudo, o sangue está associado não só à cura, mas é também considerado um instrumento da morte, uma imagem que se aproxima ao mito do vampiro.

[...] Da mesma forma, nas histórias dos mortos-vivos, o sangue infectado espalha a praga vampiresca e os indivíduos atacados se transformam em vampiros. Até a carne de animais cujo sangue foi consumido por tal monstro era mortal ao ser humano que a ingerisse (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 74).

Outro aspecto interessante a observarmos é a associação do sangue com a inocência: é como se o sangue do puro pudesse restaurar a saúde física e espiritual do pecador. Existem muitas referências na literatura arturiana à eficácia do sangue de virgens para a cura de doenças (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 71). O elo existente entre a pureza da vítima e o vampiro que a ataca é uma imagem forte tanto na lenda como na literatura de vampiros.

O laço de sangue era sagrado e, nos tempos antigos, servia para selar a irmandade entre os homens. “Irmãos de sangue” esculpiam uma cruz em seus braços e misturavam o sangue de seus ferimentos. Esse era um símbolo de fé e coragem, destacam Idriceanu e Bartlett, que, nas histórias populares, criava um laço capaz de vencer o tempo e o espaço (2007, p. 79).

Podemos relacionar os ritos de sangue também à história, como no caso de Erzebeth Bathory⁵, a “condessa sanguinária”, que viveu no noroeste da Hungria e que pretendia rejuvenescer utilizando o sangue de moças virgens para se banhar na tentativa de manter sua beleza e juventude intactas. E, ainda, temos a figura do príncipe da Valáquia, Vladislaus Tepes, mais conhecido como Vlad, *O Empalador*, figura histórica por seus atos cruéis e sanguinários, que pode ter influenciado diretamente na construção da personagem Conde Drácula, da obra *Drácula*, de Bram Stoker, mais tarde fundidos na cultura popular a partir do cinema.

Também, glória e sangue estão relacionados, pois durante séculos, morrer em batalha significava viver após a morte.

Este é outro elemento de dualidade em muitas histórias de vampiros, como *Drácula*, que até hoje fascina. Não se sabe realmente como o príncipe se tornou um vampiro, mas sua alma estava condenada e foi levada para a era moderna, a uma obsessão pela glória associada ao sangue (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 74).

Além de tudo, o sangue também está associado a assassinato. Uma vez que esse fluido vital preserva suas qualidades mesmo após a morte do corpo, deixando rastros: “[...] o sangue da vítima inocente marca a vida e o espírito do assassino – a frase “ter as mãos manchadas de sangue” aparece em muitas línguas” (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 74).

Contudo, o sangue também nos remete a algo menos violento, como relacionamento familiar e características transmitidas de uma geração a outra. O Conde Drácula, em uma passagem do romance, alega ter herdado o sangue de Átila e, ao falar dos tempos de glória de seus ancestrais, vê-se que, em seu caso, os valores dos antigos haviam sido pervertidos, dessa forma, dá-se um retorno ao núcleo do mal, encontrado entre os hunos, em cujas veias dizia-se que “corria o sangue das antigas feiticeiras, que, expulsas da Cítia, tinham se associado a demônios do deserto” (STOKER, 2012, posição 882 de 14532). Ainda, no romance, o sangue é visto como o veículo para o espírito do mal ao longo dos séculos, trazendo-o para o mundo moderno (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 77).

A essência do mito do vampiro está contida nas palavras “o sangue é a vida”, como é citado por Renfield, em *Drácula*. Dessa forma, observa-se que a história dos vampiros se

⁵Também se encontrou em textos a forma Elizabeth Bathory.

desenvolve em torno da ligação simbólica entre sangue e vida, onde o sangue possui um simbolismo muito forte. Segundo Idriceanu e Bartlett (2007, p. 81), “o sangue é o centro do vampirismo em que é incontável o desejo experimentado pelo vampiro de beber a força vital de outro”.

Berta Waldman complementa:

Traços do vampirismo remontam ao passado mais remoto e aparecem aliados à identificação do sangue como fonte vital. Untar o corpo com sangue, ou bebê-lo, era uma prática inserida no ritual de renovação da vitalidade que, transferida do vivo para o morto, abre uma fenda por onde entra em cena o vampiro (1982, p. 3).

No mito do vampiro e nas características que posteriormente foram vinculadas à personagem, o sangue é um elemento central, pois é o vínculo do vampiro com o mundo dos vivos, faz parte de seu instinto a busca por sangue fresco e potenciais vítimas que possam vir a alimentá-lo. “No mito do vampiro, o sangue é o vínculo demoníaco entre o morto e o mundo dos vivos, e as lendas falam que o morto-vivo grita das tumbas os nomes de suas vítimas” (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 63).

Observa-se, que a grande inovação do mito moderno foi a de subordinar a vida do vampiro à sua alimentação sanguínea, e fazer crer que ele se nutre daquilo que durante muito tempo foi considerado a própria essência da vida. Como se pode observar em muitas culturas, o sangue sempre apareceu como um símbolo repetitivo, construído em torno do significado de energia vital, a fonte de vida: “assim se explica a sobrevivência do vampiro do mesmo modo que sua procura desenfreada por sangue fresco, já que é uma maneira de possuir uma “alma”, portanto a vida” (LECOUTEX, 2005, p. 176).

O mito do vampiro relacionado ao sangue possui origens obscuras. As origens medievais sobre vampirismo basearam-se no horror do derramamento de sangue em sacrifícios e carnificina; porém, como previamente citado, é possível encontrarmos o sangue usado como símbolo de vida, morte e sacrifício também no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada: “A vida da carne está no sangue” (LEVÍTICO 17:11⁶). Manter-se em vida matando, essa é a maldição do vampiro, se não seu credo.

⁶ Disponível em <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/lv/17/11>> Acesso em 10 fev. 2021.

Ainda, de acordo com Idriceanu e Bartlett, na tradição vampírica, o sangue não é simplesmente a maneira de conseguir a eterna juventude e força, mas também é o veneno que não traz a morte, mas a perdição (2007, p. 81). Dessa forma, o sangue associa-se à violência e à sexualidade, em oposição ao amor e à vida, em um jogo de ilusões e dualidades, criando laços diretos e estreitos com o vampirismo. Os laços de sangue são tão poderosos que o vampiro e sua vítima se unem para sempre (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 78).

Georgina Cavendish escreveu o conto *Caim, o primeiro vampiro* (2016), na tentativa de preencher uma lacuna há muito conhecida: as circunstâncias do surgimento do primeiro vampiro. Neste conto, a autora explora a temática vampiresca, relacionando diretamente o surgimento do primeiro vampiro com o sangue derramado no crime de Caim, ao matar seu irmão Abel: “O sangue derramado é a testemunha do crime” (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 63).

– Ouço a voz do sangue de teu irmão clamando da terra por vingança! Agora serás amaldiçoado pelo próprio solo que engoliu o sangue de teu irmão, derramado por ti. [...] Talvez essa seja minha maldição. Nada mais mata minha fome, minha sede, apenas uma coisa: sangue (CAVENDISH, 2016, posição: 359-360 de 882).

Como foi possível observarmos, o sangue tem sido vinculado desde tempos remotos às lendas, à história e à literatura como um símbolo de vida, sendo, portanto, um dos temas clássicos empregados na literatura de vampiros, uma vez que o vampiro busca aquilo que não mais possui, a fonte de vida. Portanto, seria impossível tratarmos sobre literatura de vampiros sem buscarmos compreender a sua ligação com o sangue.

3.4 Páginas sangrentas: o vampiro literário

Como relatado anteriormente, o mito do vampiro folclórico tomou grandes proporções pela Europa afora, chegando até à literatura a partir de textos centrais que serviram para propagar ainda mais e desenvolver a personagem até a forma que a conhecemos hoje.

Figura sempre presente na literatura, o vampiro assumiu diversas facetas ao longo dos séculos, assim como recebeu incontáveis tipos de tratamentos formais e estilísticos, partindo do

tratado teórico, passando pela poesia e chegando até o cinema (CARVALHO, 2010, p. 8). É possível destacarmos assim a abrangência da personagem, podendo levar-nos à conclusão de que exista sim uma literatura vampiresca, e que esta seria uma subdivisão da literatura de horror. Contudo, tal abrangência também impede toda a definição mais estreita.

A personagem vampiro pode servir como referência de parte da história da literatura europeia em alguns de seus momentos cruciais, além de nos dizer muito sobre a literatura ocidental desse período. Quando buscamos o vampiro ao longo da literatura, nos deparamos com textos que vão desde meados do século XVIII, quando surgiu propriamente uma “literatura vampiresca”, até o limiar do século XX. Destaca-se que ao longo desse período a personagem ganhou uma definição autônoma por contraste a outras assombrações.

De maneira severa, também foi nesse período, que tantos estereótipos e lugares-comuns foram copiados e reafirmados à exaustão, levando-nos aos clichês aos quais toda nova criação vampiresca irá necessariamente se referir (CARVALHO, 2010, p. 9). Sendo propriamente na virada do século XX que se chega a essa etapa do processo com a publicação de *Drácula*, de Bram Stoker.

Um aspecto a ser levado em consideração em relação à literatura vampiresca é o grande grau de autorreferência no interior desse universo, uma vez que muitas das características das personagens são reconstruções e cópias de personagens anteriores, ou seja, grande parte dos escritos envolvendo a disseminação dos vampiros na literatura são inspirações diretas, releituras de personagens, além de muita influência da história e das lendas. Nesse refazer-se, a criação literária muitas vezes ganha novos contornos, enriquecendo-se.

Assim, temos como exemplo de referências cruzadas o mais notório dos vampiros, Drácula, que por definição tornou-se o estereótipo de vampiro para o século XX. Ao analisarmos algumas de suas características descobriremos que muitas delas já eram encontradas em inúmeros textos do início ou de meados do século XIX. É curioso destacarmos que, no campo da criação literária, o vampiro sempre retorna aos mesmos pontos.

O vampiro surgiu na literatura espectralmente, como personagem de manuscritos e impressões de circulação mais limitada e aos poucos sua presença foi se estendendo e emergindo em textos de diferentes gêneros, partindo desde a poesia e chegando até o romance e o teatro (CARVALHO, 2010, p. 14). O vampiro, como personagem atual, é muito diferente do vampiro histórico, e é interessante observarmos que o vampiro é uma personagem que se delinea de acordo com o período histórico em que se apresenta, muda de acordo com a

necessidade de se encaixar a um contexto específico, atualmente, por exemplo, apresenta características mais humanizadas daquelas apresentadas por seus antecessores.

Contudo, de acordo como Carvalho (2010, p. 14), não se sabe ao certo como se deu a origem dessa personagem na literatura, quais foram os primeiros aspectos e características, porque sempre se descobre uma ocorrência anterior ao que era até então conhecido.

As primeiras crônicas medievais ou tardo medievais a tratar de figuras em que poderíamos reconhecer algo de vampiresco não as representam, enquanto vampiros, senão muito vagamente. Nelas, os vampiros são quase sempre associados aos próprios mortos-vivos ou *revenants*, mas não ainda como vampiro em seu sentido preciso; contudo, certas características já começam a se delinear, como o cadáver perfurado que jorra sangue fresco (CARVALHO, 2010, p. 15). O vampiro neste ponto ainda não está nem próximo da sua figura moderna, ainda não possui identidade própria, sendo relacionado diretamente com outras criaturas sobrenaturais, como as bruxas ou os demônios.

As primeiras aparições de vampiros na literatura nos apresentam seres com características ainda muito amplas em relação à sua atual definição, mas que aos poucos foram se delineando na reutilização entre diferentes textos. Assim, podemos destacar que a literatura oral foi uma grande fonte de expansão das características responsáveis pela formação da personagem vampiro.

No entanto, há um período histórico (séculos XVII-XVIII) em que vemos o vampiro se apresentar paulatinamente mais delineado. Os primeiros gêneros literários em que surgiram vampiros são a crônica, o relato de viagem e a dissertação. Esses textos do início da Era Moderna - gêneros não ficcionais - nos apresentam o vampiro não enquanto um fenômeno literário, mas a partir de sua possível real existência, eventualmente observável em campo. Combinam ou oscilam entre as perspectivas médico biológica, a jurídica e a teológica (CARVALHO, 2010, p. 15).

Nesta época, a Europa viveu uma onda de histeria coletiva em função de diversos casos relatados de vampirismo em pequenas aldeias, como destaque temos os relatos apresentados nos estudos do erudito da igreja, D. Calmet, um dos primeiros autores a tentar relatar e definir a existência dos vampiros. Em 1746, Dom Augustin Calmet, publicou a obra citada anteriormente, que se tratava de um compêndio e resumo da crônica e da discussão sobre o fenômeno do vampirismo das décadas e séculos anteriores. A obra procurou traçar um apanhado geral do assunto a partir de textos, relatos de crônicas, relatórios oficiais de inquiridos, matérias publicadas em revistas. Calmet forneceu aos leitores um repertório geral da caracterização do

vampiro, como por exemplo, seus hábitos, seu aspecto e seus poderes, o modo de se proteger ou se livrar deles.

Dessa forma, foi a partir do texto de D. Calmet que o vampiro adentrou em outros círculos sociais e ganhou uma definição própria, sendo diferenciado no rol das demais criaturas sobrenaturais e ampliando seu público.

Toda essa massa de textos alimenta o imaginário contemporâneo, mas constitui também a origem dos erros e deformações sofridas pela crença primitiva, a origem das ideias recebidas e, sobretudo, da espantosa redução de vários tipos de mortos malfeitores à figura única do vampiro. Os livros dedicados a esses sugadores de sangue durante muitas décadas nada fizeram para restituir a imagem original [...] (LECOUTEX, 2005, p. 14).

Poderíamos dizer que, além dos relatos orais sobre vampirismo e a crônica e o tratado, a sátira também foi outro gênero a tomar o vampiro como objeto. Voltaire, que se opunha radicalmente ao assunto, dedicou algumas linhas para criticar sarcasticamente o tema do vampirismo, principalmente em relação ao compêndio publicado por D. Calmet.

A associação da propagação em massa das crenças e histórias de vampiros com o período áureo do Iluminismo não deixa de ser uma aguçada provocação. Voltaire deve ter sido um dos primeiros a utilizar o termo “vampiro” no sentido alegórico, de alguém que usurpa as riquezas ou a energia de outrem (e não o suga fisicamente) (CARVALHO, 2010, p. 18).

No campo da criação literária, o vampiro surge de forma eminente na poesia, entre os séculos XVIII e XIX. Primeiramente em alemão, com uma publicação na revista *Der Naturforscher* (O pesquisador natural), no ano de 1748, referido como *Der Vampir* (O vampiro), de Heinrich August Ossenfelder.

De acordo com Carvalho (2010, p. 43), o poema parece estabelecer, já nesse momento inaugural, diversos elementos que serão retomados centenas de vezes na trajetória de nosso vampiro literário pelos séculos afora: o apelo erótico, quase sádico; a localização culturalmente exótica, aqui manifestamente herdada dos relatos que acompanhavam a sua primeira publicação; a figura da mãe da vítima, que se opõe diametralmente ao vampiro; o lânguido ataque durante o sono; o sanguíneo beijo vampírico (que se converterá, na história da literatura,

também na sua mordida); a associação com o vinho. Contudo, vale ressaltar que o poema teve inspiração direta de outras produções teóricas sobre vampiros presentes na região em que o poeta vivia. Sendo possível observar que Ossenfelder a partir de seu texto, possa ter sido a conexão entre os gêneros teóricos e os textos literários pela associação com o vampiro.

Crê a moça minha amada
(O vampiro)⁷

Crê a moça minha amada,
Firme, austera e fielmente,
Nas lições ofertadas
Da mãe sempre devota;
Como a gente do Tisza
Crê em letais vampiros
Fielmente, feito heidduques.
Cristininha, ora, espera,
Pois me amar tu não queres;
De tí quero eu vingar-me,
E de um Tokayer, hoje,
Beber a um vampiro.
E, ao dormires suave,
Te sorver à formosa
Face à púrpura fresca.
Tu te assombrarás logo,
Quando for eu beijar-te,
Qual vampiro a beijar-te;
Então, quando tremeres
E mortiça em meus braços
Decaires qual defunta,
Quererei perguntar-te:
Mi'as lições são melhores
Que as da boa mãe tua?

Contudo, de acordo com Carvalho (2010), o tema entrou de forma definitiva para o cânone literário a partir da publicação da balada do escritor Gottfried August Bürger, *Lenore*, publicada em 1773. Destaca-se, mais uma vez, não se tratar ainda de um vampiro perfeito, mas tampouco deixa de sê-lo: aqui a individuação ainda está a caminho. A personagem é apresentada como um noivo redivivo que rapta a sua amada. Apesar das primeiras reações não serem positivas, com o passar dos tempos o poema caiu no gosto popular, ganhando a partir de

⁷OSSENFELDER, Henrich August. **O vampiro** (1748). Tradução de Erick Ramalho. In: Antologia do vampiro literário. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2010, página 45.

1790 sete versões e adaptações para a língua inglesa. Além disso, a figura do amante morto-vivo se espalhou por diversas produções da época.

Será somente entre o final do século XVIII e começo do século XIX que o vampiro será tomado como motivo ou tema da criação literária propriamente dita. Goethe, por exemplo, repudiou publicamente a moda dos vampiros, no entanto, havia apresentado em *A noiva de Corinto* (1797), algo muito semelhante ao tema. A leitura de *A noiva de Corinto* revela uma série de elementos frequentes e comuns à temática vampiresca: a atração erótica entre a morta-viva e sua vítima, o vinho, a mãe cautelosa, a vitalidade alheia sugada através do sangue.

A noiva de Corinto⁸

[...]

Eu da cova portanto volto à esmo,
À procura de bens que meus não são,
Do homem que perdi e amo assim mesmo,
Chupando o sangue de seu coração.
Acabado este aqui,
Há outros por aí,
Dos quais tirar o viço à exaustão.

Tua vida, mancebo, já termina;
Para sempre serás deste lugar.
Dei-te a minha corrente feminina,
Teu cacho de cabelo eu vou levar.
Ollhando-a tu verás
Quão pálido estarás
Amanhã e depois, sem cor, sem ar.

Tu, mãe, ouve o meu último pedido.
Manda erguer uma pira funerária
E nela, aberto o meu caminho úmido,
Deixa amor nos queimar à calmaria.
Quando a chama alastrar
E a cinza cintilar,
Aos deuses nós faremos companhia.

Samuel Taylor Coleridge, com sua balada *Christabel* (1797-1800), também procurou explorar o tema do vampiro, mas à sua maneira. Com influência medieval ou “gótica”, Coleridge procurou introduzir, a partir da leitura de seu poema uma progressão histórica da literatura “vampiresca”. Em sua criação interessava-lhe buscar: “no indistinto fundo do

⁸GOETHE, Johann Wolfgang. *A noiva de Corinto* (1798). Tradução de Leonardo Fróes. In: Antologia do vampiro literário. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2010, página 79.

imaginário popular, elementos perturbadores que subjugassem a luz da razão, tão imperativa em seu século” (CARVALHO, 2010, p. 82). Em seu texto revive lendas populares, contos de fadas, sonhos, assim por diante, onde se afloram aspectos sombrios da imaginação como obsessões, incubos, estranhas sexualidades. Adentrando assim no território em que surge o sobrenatural. Em relação à relevância da obra para o estudo do tema, vale ressaltar que alguns aspectos encontrados em *Christabel* se tornaram muito constantes nas futuras aparições do vampiro literário, tais como a influência da lua cheia, o erotismo, a ligação com o vinho, com lobos e cães, a mistura entre sonho e realidade e o amor proibido.

Na mesma época, o Romantismo serviu-se à farta do vampiro, que logo vem a se delinear com mais especificidade, como, por exemplo, nas obras de Robert Southey (*Thalaba the Destroyer*, 1801), Johnson Stagg (*The Vampire*, 1810) e John Keats (*Lamia* e *La belle dame sans merci*, ambos compostos em 1819). Carvalho completa, “o terreno está pronto para que se alastre o gosto por ler e escrever histórias de vampiros” (2010, p. 19).

O vampiro como tema do Romantismo foi somente uma dentre as incontáveis encarnações da temática de sedução pelo macabro, desenvolvidas pela então “nova sensibilidade” romântica. Ainda que indevidamente, Lord Byron será elevado a inventor do vampiro narrativo, a partir da criação do conto “*The Vampire*”, de 1819, atribuído erroneamente a ele, sendo efetivamente criação do médico John William Polidori, amigo de Byron.

A obra de Polidori pode ser considerada a contribuição individual mais importante ao culto do vampiro aristocrático, erótico e monstruoso, que prosseguiu até o final do século XIX e continua sendo uma das bases da ficção romântica e de terror gótico de hoje (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 157).

A publicação de “*The vampire*” dá início à primeira febre do vampiro ficcional. Sendo, portanto, o momento crucial da história do vampiro na literatura. Onde as circunstâncias fizeram surgir um intrincado conjunto de obras, publicadas no intervalo de pouco mais de um ano, que marcará para sempre a trajetória do vampiro. Tal feito será catapultado às massas com a adaptação para o teatro do conto de Polidori (*Le vampire*, 1820) por Charles Nodier, entusiasta de primeira hora e um dos grandes responsáveis pela propagação do mito. A peça se tornou a grande responsável pelo processo de popularização da figura do vampiro. De acordo com Carvalho, o grande sucesso da peça de teatro atravessou fronteiras, fazendo com que surgissem

diversos plágios e sátiras da trama. Eram várias peças com a mesma temática, mas em diferentes gêneros, sempre retomando, contudo, a estrutura básica do conto de Polidori (2010, p. 20).

Do mesmo modo, na Itália surgem as primeiras obras de ópera vampirescas. Contudo, será com as obras posteriores francesas, inglesas e alemãs que o vampiro entrará no cânone operístico. Uma das primeiras óperas é a ópera cômica *Le vampire* (1826), seguida de *Der Vampir* (1829). A partir do grande sucesso do vampiro nos palcos do teatro, o vampiro tomou de assalto o gosto popular. Tal fenômeno foi de suma importância para o seu desenvolvimento posterior, lançando as bases para a futura exploração cinematográfica.

O vampiro continuou ampliando seu público e chegou nas mãos de uma nova geração de autores que se apropriou dele de uma maneira riquíssima, o recriando a partir da liberdade artística e formal. Autores como Dumas, Tolstói e Gógol, por exemplo, escreveram criações com a personagem vampiro, alguns com inspiração direta no compêndio de D. Calmet.

Carvalho (2010, p. 21) destaca que, na literatura gótica, o vampiro pode ser encontrado em obras de Julian Hawthorne (*Ken's Mystery*, 1888), Francis Marion Crawford (*For the blood is life*, 1890) e Ann Crawford (*A mystery of the Campagna*, 1891), entre outros.

É interessante observar que a temática vampiresca passa ao largo do movimento do romance gótico em sua “idade do ouro”: referimo-nos à sua primeira geração, que se situa grosseiramente entre as décadas de 1760 e 1790 e inclui escritores como Horace Walpole, William Thomas Beckford, Anne Radcliffe etc. Tampouco pode-se contar como pertencente à “literatura vampiresca” o romance em língua francesa do polonês Jan Potocki, *Manuscrito encontrado em Saragoça* (1804), com sua breve menção à diferença entre vampiros húngaros e poloneses, de um lado, e espanhóis, de outro (CARVALHO, 2010, p. 19).

De fato, o vampiro se enraizou no imaginário popular e se alastrou pelos palcos e pela literatura. Para Lecoutex (2005, p. 19), três autores ingleses podem ser considerados os fundadores do mito moderno com suas personagens vampirescas que se destacaram, sendo consideradas sinônimos de vampiro: John Polidori (*The Vampire*, 1819) com sua personagem *Lord Ruthven*, Joseph Sheridan Le Fanu, que nos apresenta *Carmilla*, uma mulher-vampiro (*Carmilla*, 1872) e Bram Stoker (*Drácula*, 1897), com o famoso Conde Drácula.

Em 1819, Polidori nos apresenta uma criatura inquietante, *Lord Ruthven*, descrito como um fidalgo impassível, de olhos cinzentos e pele pálida e que parece querer provocar angústia nas criaturas mais frívolas. “Ele tem força sobre-humana e, ao sucumbir à gangrena, pede que levem seu corpo ao pico de uma montanha, a fim de que fique exposto aos raios da lua,

solicitação que é atendida” (LECOUTEX, 2005, p. 20). A ambientação criada pelo narrador é fantástica e abre espaço para outras questões que ficam subentendidas. O conto utiliza-se também de artifícios próprios, além da narração e ambientação que são próprios para excitar a imaginação do leitor. Sendo possível, a partir das descrições apresentadas de *Lord Ruthven* estabelecer uma tipologia de vampiro, que continuou sendo retomada na construção das personagens posteriores.

The Vampire, o conto, foi o responsável por lançar o gênero vampírico na Inglaterra. Foi traduzido para o francês em 1819 e posteriormente foi adaptado para o teatro por Charles Nodier. “Ruthven, de Polidori, tornou-se uma espécie de Drácula do século XIX” (LECOUTEX, 2005, p. 21). A partir daí a personagem vampiro conheceu um sucesso sem precedentes e se espalhou rapidamente por toda a Europa.

Joseph Sheridan Le Fanu, em 1872, por sua vez, nos apresentou *Carmilla*, um vampiro feminino atraído por mulheres. Inserindo então nas características da personagem vampiro, a ligação entre vampiros e bruxas, a partir de crenças e tradições que remontam às magas da Antiguidade clássica. Le Fanu, ao longo de seu texto destaca mais características dos vampiros que se perpetuam até hoje, como o fato de ele não se alimentar, não rezar, não suportar rituais religiosos, ter caninos pontiagudos e assumir a forma de animais.

Para a construção de sua personagem, Le Fanu baseou-se em informações de barbeiros, eruditos e escritores do século XVIII em relação ao sangue e práticas de decapitação abordadas em sua obra, e inspirou-se também na leitura do compêndio de D. Calmet, que resumiu o saber sobre os vampiros em 1749.

Para Lecoutex (2005, p. 24), a admiração pelos vampiros explica o nascimento de *Drácula*, de Bram Stoker, em 1897. Em que o saber “vampirológico” passa a ser teorizado por meio da literatura. A partir da personagem Abraham Van Helsing, inspirado no professor da Universidade de Budapeste, Armin Vambéry, Stoker introduz explicações do vampirismo e mais uma vez, assim como Le Fanu, perpetua na construção da personagem características que se mantêm até hoje, como o mito do alho, inspirado nas lendas da Idade Média, que seria a planta que afugenta demônios (LECOUTEX, 2005, p. 26), cuja popularidade a partir da publicação da obra foi imensa.

Na virada daquele século o vampiro estava sedimentado na literatura e assumiu a repetição dos lugares-comuns, servindo de inspiração difusa a personagens que não se deixam classificar tão facilmente, de um ou de outro modo, trata-se, sem sombra de dúvida, da

inauguração do novo ciclo, cujo objetivo é mostrar sua gênese e, desenvolvimento e sedimentação, etapas ocorridas entre os séculos XVIII e XIX (CARVALHO, 2010, p. 21).

Graças aos autores anteriormente citados, os elementos constitutivos do mito foram mencionados pouco a pouco, contudo, destaca-se que, todas as informações contidas na maioria das obras sobre vampiros são informações preexistentes, cabendo então aos escritores o trabalho de transformá-las em narrativas fantásticas (LECOUTEX, 2005, p. 32-33).

Com isso, percebe-se que o desenvolvimento do mito do vampiro ultrapassou barreiras, saiu do folclore e adentrou a literatura. Na era da tecnologia, esta tem ajudado a perpetuar e acentuar o impacto do vampirismo em nossa imaginação a partir do cinema e dos serviços de *streaming*, mantendo sempre, porém uma vasta produção escrita, com a publicação de séries e sagas onde o vampiro é alçado à posição de protagonista. Com características próprias deste século, é apresentado como um ser sexualizado e humanizado, símbolo de beleza e perfeição, com poderes sobrenaturais, sentimentos propriamente humanos e que está fadado a viver pela eternidade.

No capítulo seguinte, iremos nos debruçar mais demoradamente na análise e descrição das personagens vampiros que compõem o *corpus* de nossa pesquisa, a partir das categorias de análise elencadas na introdução, a fim de observarmos ao contrapô-los, como se deu o processo de transformação do mito do vampiro ao personagem vampiro contemporâneo.

4. OS VAMPIROS LITERÁRIOS – ONTEM E HOJE

O terreno para a expansão do vampiro na literatura foi preparado pelo movimento literário da *Gothic Novel*, iniciado por Horace Walpole com *O castelo de Otranto* (1764), que retrata elementos da paisagem que encontramos nas histórias de vampiros, como castelos deteriorados e cemitérios abandonados. Porém, foi graças à Polidori, Le Fanu e Stoker, que o vampiro se estabeleceu como importante personagem da literatura fantástica: “Polidori nos deu o protótipo do vampiro (...) ou seja, um nobre, arreado, brilhante, que provoca arrepios, fascina as mulheres e é friamente maligno” (IDRICEANU & BARTLETT, 2007, p. 46).

Campra complementa:

O vampiro aparece como uma antiga criatura mais bem folclórica, apenas esporadicamente literária, até que com seu romance *Drácula* (1897), Bram Stoker lhe dá um nome, uma efígie, uma classe social e uma mitologia definitiva: os caninos cintilantes, a boca lasciva, a aristocracia desdenhosa, o medo da cruz e outros símbolos cristãos, uma rejeição mais doméstica aos dentes de alho... e a possibilidade de uma morte irreparável mediante a luz do dia, o fogo, ou uma estaca cravada no coração (2016, p. 52).

A seguir, analisaremos e confrontaremos os vampiros que compõem o *corpus* desta pesquisa a fim de que possamos identificar entre eles pontos de encontro e divergência em relação às suas características e assim observarmos as mudanças que sofreram ao longo dos tempos na literatura até chegar à sua constituição contemporânea. Inicialmente, serão apresentadas algumas informações para contextualizar o nosso *corpus* e as obras em que estão inseridos, para que na última seção deste capítulo, possamos, de fato, analisar e interpretar as personagens dentro das categorias de análise pretendidas.

A primeira obra escolhida, que serviu como modelo e sinônimo de vampiro clássico para comparação entre os demais e que nos apresenta Conde Drácula, é a obra *Drácula*, de Bram Stoker (2015).

Abraham (Bram) Stoker nasceu em *Clontarf*, perto de *Dublin*, Irlanda, no dia 8 de novembro de 1847. Seu pai era funcionário da administração civil britânica e sua mãe era militante pelas reformas sociais. Bram foi uma criança muito doente, durante seus primeiros anos, sua mãe contava muitas histórias e lendas, incluindo casos sobrenaturais e narrativas de

doença e morte. Talvez tais histórias tenham influenciado diretamente na escolha de Bram ao escrever a sua mais famosa obra.

Durante sua adolescência Bram se recuperou de sua enfermidade e ingressou no *Trinity College*. Após se formar ele seguiu os passos do pai e ocupou um cargo no serviço público irlandês. Nesse período fez crítica de teatro para um jornal local. Uma das críticas levou a um encontro com Henry Irving, famoso ator shakespeariano, de quem foi um grande amigo. Em 1878, Stoker aceitou uma proposta de emprego como gerente do novo *Lyceum Theatre*. Grande parte de seus textos, inclusive *Drácula*, foi escrita no pouco tempo que lhe restava entre uma atividade e outra no *Lyceum*.

Embora seja mais conhecido por *Drácula*, Bram Stoker foi autor de vários outros romances e coletâneas de contos. Ele morreu em 20 de abril de 1912. Bram passou a ser reconhecido postumamente como o pai do romance moderno de vampiro/terror.

Drácula foi publicado em Londres em 1897. Sabemos por suas anotações que Stoker trabalhou no livro intermitentemente durante mais de seis anos, inclusive quando estava de férias ou em excursões com o *Lyceum Theatre* na América do Norte. O título original do romance era *O morto-vivo*. A decisão de usar *Drácula* como título foi tomada no último minuto, dias antes da publicação, logo após uma leitura dramática que tinha o objetivo de garantir a autoria teatral.

Não se sabe se Bram Stoker pretendeu escrever uma sequência de *Drácula*. Houve o boato persistente de que ele “planejava levar *Drácula* para a América em outra história”. Nunca foi descoberto nada que sustente isso.

A obra ganhou destaque após a morte do escritor e adaptação para o teatro e para o cinema. A personagem vampiro apresentada na obra serve até hoje como referência de modelo de vampiro, tendo sido inspirado pela figura do Lord Byron e na história real do príncipe da Valáquia, Vlad Tepes. Publicada em 1897, na Irlanda, levou sete anos para ser finalizada. Após a primeira publicação e relativo sucesso, em 1901, passou por algumas alterações em seu texto original. Tendo sido esta versão reduzida e revisada a que permanece em circulação até hoje.

O romance gerou uma série de antecedentes e continuidades, mais uma prova de sua força e seu apelo duradouros. “A necessidade de se apropriar e dar nova forma a *Drácula* é uma

prova da força e da influência duradouras do romance”, cita Elizabeth Miller⁹ no posfácio da obra *Drácula, o morto vivo*¹⁰, de Dacre Stoker e Ian Holt.

A segunda obra escolhida foi *Entrevista com o Vampiro* (1992), da escritora americana Anne Rice. Anne Rice ¹¹nasceu e cresceu em Nova Orleans, Louisiana. Ela possui Mestrado em Artes e Licenciatura em Inglês e Escrita Criativa pela Universidade Estadual de San Francisco, bem como grau de Bacharel em Ciências Políticas. Anne passou grande parte de sua vida na Califórnia, mas Nova Orleans é seu verdadeiro lar e fornece o pano de fundo para muitos de seus romances famosos. O bairro de *French Quarter* foi o cenário de seu primeiro romance, *Entrevista com o Vampiro*, e sua casa no *Garden District* foi a casa fictícia de *As Bruxas Mayfair*.

Ela é a autora de mais de trinta romances. Seu primeiro romance, *Entrevista com o Vampiro*, foi publicado em 1976 e passou a se tornar um dos romances mais vendidos de todos os tempos. Anne relata que escreveu esse livro em apenas uma semana, após a morte de sua filha por leucemia, retratada na personagem Cláudia que jamais crescerá e envelhecerá. *Entrevista com o Vampiro* foi adaptado em um filme em 1994, dirigido por Neil Jordan e estrelado por Brad Pitt, Tom Cruise, Kirsten Dunst e Antonio Banderas. Ela continuou sua saga do vampiro Lestat em uma série de livros, conhecidos coletivamente como *As Crônicas Vampirescas*, Rice relata que uma das obras que inspirou a escrita dessa série de livros foi a obra de Charles Dickens, *A Christmas Carol*.

Em seus livros, invariavelmente apresenta os seus vampiros como indivíduos com paixões, teorias, sentimentos, defeitos e qualidades, tal como os seres humanos, mas, com a diferença de terem que lutar pela sua sobrevivência por meio do sangue de suas vítimas e sua própria existência que, para alguns deles, é um fardo a ser carregado através das décadas, séculos e até mesmo milênios.

Entrevista com o vampiro recuperou a figura do vampiro aristocrático, com um toque de modernismo, apresentando-nos em sua obra personagens muito mais humanos do que o Conde Drácula. Dando um novo fôlego e trazendo a personagem à luz do novo século, servindo como palco para novas discussões no âmbito literário, como a questão da homoafetividade, por exemplo. Logo, a personagem que nos servirá para a análise será o vampiro Lestat.

⁹É reconhecida internacionalmente por sua especialidade em Drácula, tanto o romance quanto o personagem histórico.

¹⁰A sequência do clássico de Bram Stoker. Foi escrita por um sobrinho-bisneto de Bram Stoker, Dacre Stoker e por Ian Holt, roteirista, pesquisador e fã de Drácula.

¹¹Tradução nossa. Disponível em: <<http://annerice.com/Chamber-Biography.html>> Acesso em 10 fev. 2021.

Adentrando em território brasileiro, a obra escolhida foi *Os Sete* (2001), do escritor André Vianco. André Vianco¹² é escritor, roteirista, dramaturgo e diretor, e um dos mais renomados autores da ficção fantástica nacional. Nasceu em São Paulo, mas foi criado em Osasco. Vianco sempre foi fã de filmes e literatura de terror, e cita Stephen King, *Musashi* de Eiji Yoshikawa, Edgar Allan Poe, as *Crônicas Vampirescas* de Anne Rice, Henry James, Victor Hugo e antigos gibis dos *Contos da Cripta* como algumas de suas leituras favoritas e maiores influências.

Criador de uma elogiada obra que inclui títulos de terror, suspense, sobrenatural e fantasia, já ultrapassou a marca de 1 milhão de exemplares vendidos. Começou a escrever na adolescência e estreou em 1999, auto publicando seu livro *Os Sete*, que deu origem à saga de vampiros que se tornou célebre e rapidamente conquistou milhares de fãs, consagrando-se *best-seller* ao ser publicado por sua primeira editora. Além de ter escrito e publicado 23 obras, foi roteirista contratado da Rede Globo de 2010 a 2014, foi professor da Roteiraria (2017), dirigiu três curtas-metragens, e fundou a Vivendo de Inventar, empresa em que forma, orienta e ensina novos escritores em suas carreiras. Mora em Osasco com sua família, emprestando sua imaginação para a cidade, cujas ruas ele preenche com seres sobrenaturais em aventuras marcadas por ação e constante contato com o sombrio.

A obra *Os Sete* foi publicada de forma autoral em 1999, fez tanto sucesso que teve seus direitos comprados por uma grande editora, o que rendeu continuação e uma série de histórias em quadrinhos, onde o autor explora o universo sobrenatural por ele criado. Estima-se que Vianco tenha vendido quase um milhão de exemplares de *Os Sete*. Aqui, analisaremos a personagem Inverno, o antagonista desta obra. Inverno nos é apresentado como um vampiro português que após ter ficado mais de 400 anos preso no fundo do mar no litoral do Brasil é acidentalmente acordado, juntamente com seus irmãos, e transforma as cidades por onde passa em caos com seus poderes sobrenaturais capazes de controlar a temperatura e chegar ao ponto de congelamento. Inverno é apresentado com características de vampiros clássicos e modernos, sendo possível ao longo da leitura observar as fontes de inspiração usadas na sua constituição.

Finalmente, como última obra escolhida, apresentamos *Crepúsculo* (2009), da escritora americana Stephenie Meyer, responsável pelo aumento do interesse de jovens pelos vampiros na última década.

¹²Disponível em <<https://www.andrevianco.online/obras>> Acesso em 10 fev. 2021.

Stephenie Sonnibe Meyer¹³ nasceu em Hartford, Connecticut, no dia 24 de dezembro de 1973. Ela cresceu em Phoenix, Arizona, com cinco irmãos e frequentou a escola Chaparral High School, em Scottsdale, Arizona. cursou literatura inglesa na Universidade Brigham Young, em Provo, Utah, onde se formou em 1995. Meyer atualmente vive em Cave Creek, Arizona, e possui também uma casa em Marrowstone Island, Washington. A escritora já veio ao Brasil, em novembro de 2010, juntamente da equipe de filmagem de *Amanhecer*, longa-metragem de que foi produtora oficial.

Mais conhecida por sua série *Crepúsculo (Twilight)*, a coleção de quatro livros de Stephenie Meyer¹⁴ vendeu mais de 100 milhões de cópias globalmente em mais de 50 países, com traduções em 37 idiomas diferentes. Meyer foi o autor mais vendido em 2008 e 2009 nos Estados Unidos, tendo vendido mais de 29 milhões de livros em 2008 e 26,5 milhões de livros em 2009. Em 2008, Meyer também lançou *A hospedeira (The Host)*, que estreou em primeiro lugar no *The New York* e nas listas dos mais vendidos do *Times* e do *Wall Street Journal*. Além disso, o *USA Today* declarou Meyer “Autora do Ano”, citando que ela havia feito algo que ninguém mais fez nos 15 anos do *USA Today*, ocupando o topo na lista de livros mais vendidos - ela conquistou os quatro primeiros lugares em 2008. Meyer também conquistou esse feito em 2009, quando *A Saga Crepúsculo* mais uma vez dominou o topo da lista de mais vendidos. No total, seus livros passaram mais de 303 semanas na lista dos mais vendidos do *New York Times*.

Crepúsculo é o seu primeiro romance. O sucesso desta obra lhe rendeu contratos de adaptação para o cinema, produtos e o planejamento de novas obras com a *Little, Brown and Company*. Meyer diz que a ideia para *Crepúsculo* ocorreu para ela num sonho em 2 de junho de 2003. O sonho era sobre uma garota, e um vampiro que estava apaixonado por ela, mas ele sentia desejo pelo sangue dela, porém não queria que ninguém soubesse das suas origens. Com base nesse sonho, Meyer escreveu a transcrição do que é agora o capítulo 13 do livro. Ela nunca havia pensado em vampiros, e o sonho surpreendeu a ela própria. A autora chegou inclusive a dizer: “*Não escolhi os vampiros. Eles me escolheram.*” Apesar de ter pouca experiência em escrita, em questão de três meses ela havia transformado um vívido sonho em um romance concluído. O livro foi lançado em 2005.

Crepúsculo foi reconhecido rapidamente e ganhou várias honrarias, virou sensação juvenil e grande sucesso mundial, principalmente após a sua adaptação para os cinemas. A obra

¹³Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Stephenie_Meyer> Acesso em 10 fev. 2021.

¹⁴Tradução nossa. Disponível em <<https://stepheniemeyer.com/bio/>> Acesso em 10 fev. 2021.

nos apresenta Edward Cullen, personagem objeto de nosso estudo, um vampiro adolescente que se apaixona e vive um romance proibido com uma mortal, tendo que resistir ao seu instinto por sangue e fazer grandes sacrifícios para viver seu amor. Nesta obra a personagem vira a personificação de homem ideal, exibindo características muito mais humanas do que as de seus ancestrais, além de poderes sobrenaturais, como a telepatia.

Após esta breve contextualização das obras, autores e personagens, a seguir detalharemos cada uma das personagens que compõem o nosso *corpus* de pesquisa, a fim de que possam fazer a comparação entre elas, buscando destacar suas semelhanças e divergências.

4.1 Conde Drácula

Enquanto *Lord Ruthven*, personagem do conto *The Vampire*, de John Polidori, serviu como modelo para o vampiro do século XIX, seu sucessor, o *Conde Drácula*, do escritor irlandês, Bram Stoker, se tornou símbolo de vampiro não só para o século XX, mas assumiu a própria identidade do vampiro, influenciando diretamente a partir de sua figura base, a maioria das produções artísticas do século XXI que tratam sobre esse tema.

O romance *Drácula*, escrito pelo irlandês Bram Stoker, publicado no ano de 1897 é, sem dúvidas, o livro com personagem vampiro mais famoso do mundo. A partir dele, muitos outros livros foram criados e o Conde Drácula se tornou a figura de referência para a construção de personagens vampiros modernos. Sua estrutura constitui-se através de uma narrativa epistolar, sendo composta por cartas, entradas de diários, mensagens, diários de bordo e notas de jornais. A narrativa é feita pelo ponto de vista de todos os personagens, menos o próprio Conde. Para Berta Waldman (1985, p. 14), é ao calar-se Drácula que o discurso dos outros se constrói em torno do seu silêncio.

A inspiração para o enredo pode ter sido extraída de um sonho do autor no qual um vampiro emergia do túmulo. A obra “*Carmilla*”, de Sheridan Le Fanu, de 1872, e “*O Vampiro*”, de Polidori, de 1819, possivelmente influenciaram a temática e o aspecto literário da obra. Da mesma forma, o interesse de Stoker pela biografia de Vlad Tepes contribuiu para a elaboração do personagem principal. Ainda, a personalidade autoritária de Henry Irving pode se refletir nas características do próprio Conde Drácula, da mesma forma que o comportamento dominante de Florence sobre Stoker pode se referir inversamente na dominação de Drácula sobre o sexo feminino (EDITORA LANDMARK in STOKER, 2015, posição 14520 de 14532).

A história inicia-se com Jonathan Harker, que vai à Transilvânia para tratar de negócios com o Conde Drácula. Durante sua estadia no Castelo Drácula, Jonathan percebe que existe algo de terrível no Conde e se vê prisioneiro dele. Já na Inglaterra, estranhamente Lucy Westenra, que é amiga de Mina Murray, noiva de Jonathan, começa a enfraquecer subitamente, isso logo após a chegada de um misterioso navio, que encalhou na praia, e de onde saiu com vida apenas um grande cachorro negro.

A partir daí, Lucy piora e acaba morrendo, após alguns dias crianças começam a desaparecer nas redondezas. Logo, Dr. Van Helsing juntamente com o noivo de Lucy, Arthur Holmwood e o Dr. Seward, ao confirmarem sua suspeita de que ela agora é uma vampira, começam uma caça ao Conde, que descobrem ser o vampiro responsável por transformá-la neste ser. Inicia-se aí uma corrida contra o tempo para salvar a vida de Mina Harker, que agora é o novo alvo de Drácula.

Ian Holt (STOKER, 2010, p. 430), destaca que Drácula em 1897 era um ser misterioso, refinado e complexo. Exibia características conflitantes: em certos momentos parece um nobre culto e educado, em profunda sintonia com o passado de seu país; em outros momentos, um animal selvagem que exibe instintos de sobrevivência básicos. Era um homem do século XV tentando se relacionar com o mundo do século XIX que o cercava, em certos momentos abraçando a modernidade e em outros a rejeitando. Tinha princípios morais, o que o obrigava a se esforçar para tentar justificar a necessidade de tirar vidas humanas. Ele só matava quando necessário e, segundo sua lógica, por um bem maior.

4.2 Lestat de Liuncourt

O vampiro Lestat, filho pródigo da autora Anne Rice, apareceu pela primeira vez na obra *Entrevista com o Vampiro* (1992), aqui, Lestat é um misterioso vampiro que aparece na vida do jovem fazendeiro Louis e o transforma numa criatura da noite. Lestat é o vampiro rebelde, que não se importa com as consequências de seus atos e que não renuncia ao luxo e ao dinheiro, fator que o levou a se aproximar de Louis.

Lestat é a personagem mais marcante de Anne Rice e traz uma mistura inebriante de atração e repulsa. É um vampiro clássico, mas que já apresenta características modernas, como o fato de se relacionar abertamente tanto com homens quanto mulheres e apresentar uma

aparência nada monstruosa, em contraposição a Drácula. Gosta de arte, é boêmio, egoísta e narcisista e se alimenta de sangue humano.

Entrevista com o Vampiro (1992), é o primeiro volume das *Crônicas Vampirescas*, série composta atualmente por treze livros que atravessam séculos narrando a vida de vampiros e bruxas, tendo como personagens principais, Lestat, Louis e Armand, entre outros. A obra narra a vida de Louis de Point du Lac, ao ser entrevistado por um jornalista nos tempos modernos, onde relata desde sua vida em sua fazenda na Louisiana, sua transformação em vampiro, e a viagem pela Europa em busca de respostas e de outros de sua “espécie”.

É interessante observarmos que nesta obra em questão, o narrador é Louis, portanto, as descrições físicas e o ponto de vista sobre as ações de Lestat partem dele. Anne Rice em *Entrevista com o Vampiro* trouxe uma nova concepção para a figura do vampiro literário ao apresentar ao público uma personagem mais humanizada, Louis, e tratar de temáticas polêmicas, como política e homoafetividade.

4.3. Inverno

Inverno (Dom Guilherme), é o antagonista de *Os Sete*, de André Vianco, um vampiro português clássico, que foi o senhor feudal da Vila do Castelo do Rio D’Ouro. Possui o poder de manipular a temperatura ambiente e a água até o ponto de congelamento.

Em *Os Sete* (2001), André Vianco nos apresenta uma trama que traz os vampiros clássicos europeus às terras brasileiras. Na obra, uma antiga caravela portuguesa naufragada há 450 anos é encontrada por um grupo de amigos, no fundo do mar, no litoral do Rio Grande do Sul. Ao ignorarem o aviso escrito em uma misteriosa caixa de prata lacrada que estava nos escombros da caravela, os amigos acabam por libertar o mal que ela abrigava, sete cadáveres que estranhamente vão se regenerando. "Nobres homens de bem, jamais ouseis profanar este túmulo maldito. Aqui estão sepultados demônios viciados no mal e aqui devem permanecer eternamente. Que o Santo Deus e o Santo Papa vos protejam" (VIANCO, 2001, posição 495-496 de 8791).

Inverno é o primeiro a despertar e rapidamente se torna o vilão da trama, deixando um rastro de sangue, neve e corpos congelados por onde passa. É uma trama com bastante ação, violência, mistério, suspense e situações sobrenaturais.

Inverno ainda apresenta características de vampiros aristocráticos clássicos, como o uso de roupas pretas, falas formais, pertence à alta classe da sociedade, contudo também apresenta toques de modernidade com seu poder sobrenatural que se equipara a de um super-herói moderno, além disso, sua aparência também se afasta da monstruosidade que Drácula emanava.

4.4 Edward Cullen

Edward Cullen é o vampiro responsável por resgatar o interesse de jovens pela personagem no século XXI. Jovem, bonito e romântico, é a representação de homem perfeito, se afastando quase que totalmente do estereótipo de vampiro disseminado por Drácula. Ao se sacrificar e lutar por seu instinto por sangue em nome do amor, Edward conseguiu arrebatado milhares de fãs, que tornaram a obra *Crepúsculo* (2009), um *best seller*, atingindo pelo mundo mais de 77 milhões de exemplares vendidos.

Crepúsculo gira em torno da história de amor entre uma adolescente humana, Bella, e um vampiro extremamente belo, Edward. O cenário para o romance acontece na pequena e nebulosa cidade de Forks, Washington, EUA.

Surge uma forte atração entre os dois, culminando em vários perigos para ambos até poderem superar todos os obstáculos para poderem ficar juntos. O livro explora a questão do vampiro sob uma visão romântica e juvenil, do homem ideal, cavalheiro, um amor para a eternidade.

Edward é um exemplo de vampiro moderno, onde restam poucos traços do vampiro aristocrático que encontramos em Drácula, por exemplo. Edward foge dos aspectos monstruosos que perpassam a sua condição, não se alimenta de sangue humano e vive de acordo com os hábitos da sociedade em que “vive”. Edward é muito mais um humano que precisa se alimentar de sangue do que um monstro chupador de sangue que sai de seu caixão à noite, abandonando assim de vez o estereótipo de vampiro e modernizando a personagem.

4.5 O confronto entre as gerações

Conforme foi abordado anteriormente, alguns textos centrais foram os responsáveis pela disseminação, propagação e desenvolvimento da personagem vampiro na literatura. De acordo com Carvalho (2010, p. 9), um aspecto fundamental a ser levado em consideração é o alto grau de autorreferência no interior desse universo. Isso nos demonstra que a personagem está sempre se refazendo, sendo um resultado do processo de reaproveitamento de características de personagens entre diversas obras, provindas tanto de lendas folclóricas, antigos textos literários, ou ainda, de características eternizadas pelo cinema.

[...] forma-se, entre os séculos XVIII a XX, uma verdadeira teia de referências cruzadas no interior dessa temática, que incorpora, portanto, não apenas as fontes folclóricas, mas também e por excelência, a referência, o lugar-comum e mesmo o plágio de obras precedentes. Nesse refazer-se, a criação literária muitas vezes ganha novos contornos, enriquecendo-se (CARVALHO, 2010, p. 9).

Dessa forma, o objetivo desta seção será fazer o confronto entre as diferentes personagens que compõem o nosso *corpus* e que possamos nos debruçar sobre algumas características do vampiro, de forma a observar as transformações e as mudanças que a personagem sofreu em cada obra, que refletem diretamente a época em que a personagem está inserida/se inseriu.

Para tanto, desenvolveremos nossa análise e interpretação das características das personagens vampiros a partir das categorias a seguir elencadas: *a) O sangue e o vampiro; b) O vampiro e a sedução; c) Os poderes do vampiro; d) Características físicas e transformações; e) As origens do vampiro.* A escolha do processo de categorização se ancora nos estudos de Bardin (2000), onde optamos pelo *procedimento por caixas*, no qual fornecemos o sistema de categorias e repartimos os elementos, à medida que os encontramos ao longo da leitura das obras.

Ao observarmos as personagens que compõem o nosso *corpus* e analisá-las de acordo com a primeira categoria *O sangue e o vampiro*, obtivemos a seguinte constatação: em relação ao sangue e o vampiro, é bem clara a relação existente entre ambos, uma vez que o sangue é relacionado à alimentação do vampiro, proporcionando-lhe energia vital. Dessa forma, no

aspecto de alimentação, observa-se que o Conde Drácula bebe sangue humano tanto para se nutrir quanto para se fortalecer e rejuvenescer, sendo o sangue a fonte desta transformação:

O vampiro vive para sempre, e não pode morrer pela simples passagem do tempo. Pode reviver quando consegue nutrir-se com o sangue dos vivos. E mais ainda, nós mesmos vimos que eles podem até rejuvenescer, que a sua força vital é resistente, e parece que ficam revigorados quando esta refeição especial for abundante (STOKER, 2015, posição 4967-4970 de 14532).

Logo, Lestat e Inverno também bebem sangue humano para recuperar suas forças e aplacar suas sedes, porém, Lestat em um caso de necessidade extrema conseguiu se recuperar bebendo sangue de animais do pântano, fato que demonstra que para ele não haveria necessidade de matar pessoas para sobreviver se assim ele quisesse; já Inverno não relaciona nada quanto à alimentação de sangue animal, contudo, pode alimentar-se e beber normalmente, mas não sente necessidade. “Interessavam-se, sim, pelos mortais. O alimento. As frutas maduras que jorravam sangue pelo talho, que lhes serviam energia para as aventuras, para as fugas, para as batalhas” (VIANCO, 2001, posição 173 de 8791).

Por fim, Edward, nosso jovem vampiro, é um moderno vampiro “vegetariano”, que se recusa a beber sangue humano: “Eu não queria ser um monstro! Não queria matar aquela sala cheia de jovens inofensivos! Não queria perder tudo o que tinha conquistado após uma vida inteira de sacrifício e negação! (MEYER, 2020, p. 22). [...] passei mais de sete décadas sem sangue humano” (2020, p. 24), mesmo que este o torne mais forte e não aplaque completamente sua sede, preferindo então o sangue de grandes animais, como leões-da-montanha, ursos e cervos.

Outros aspectos em relação ao sangue para Drácula é que ele é visto como um ser sanguinário por seu passado glorioso de batalhas, durante a obra é possível identificar também a questão da linhagem de sangue que passa de geração em geração, revivendo a sua ascendência de guerreiros descendentes de Átila, o Huno. Além disso, o sangue também é relacionado como a fonte da perdição, sensualidade e transformação.

E você, a sua coisa mais preciosa, está agora em meu poder, carne da minha carne, sangue do meu sangue, linhagem da minha linhagem, meu lugar abundante por algum tempo, e que mais tarde será minha companheira e ajudante. [...] E puxando a camisa, abriu uma veia em seu peito com as longas unhas afiadas. Quando o sangue começou a jorrar, ele agarrou minhas mãos com uma das suas,

segurando-as com firmeza, e com a outra agarrou meu pescoço, apertando minha boca contra a ferida, de modo que eu, ou sufocava, ou engolia aquele seu... Oh, meu Deus! Meu Deus! O que eu fiz? (STOKER, 2015, posição 5921-5923).

Idriceanu e Bartlett (2007, p. 80) chamam a atenção quanto a um desenvolvimento interessante desse tema, na literatura vampírica, é o de que, mesmo vivendo de sangue, os vampiros (e suas vítimas) são pálidos, como se nada tivessem nas veias para colorir suas feições. Entretanto, sua “palidez de cera” é uma antítese de seus lábios e olhos vermelhos, como se toda a sua força e vida estivessem concentradas nos olhos (os portais entre os mundos interior e exterior) e na boca (não apenas no caso dos dentes que mordem a vítima, mas também dos lábios, cujos beijos trazem o prazer e a morte).

Se analisarmos a questão do sangue como alimento de forma racional, será fácil constatar que seria impossível para um vampiro se alimentar de sangue, uma vez que ele está morto e seu organismo não teria como absorver os nutrientes necessários. Tal questão só se sustenta na ficção e pela ficção, demonstrando assim a importância da verossimilhança para as obras literárias, principalmente, neste caso, nas narrativas fantásticas.

O vampiro e a sedução é a segunda categoria escolhida para a análise do nosso *corpus*, pois, é praticamente impossível tratarmos sobre vampiros e não nos referirmos à sedução que emana de sua figura, através de seu olhar hipnótico.

O vampiro, exótico e misterioso, foge a todas as explicações e, portanto, provoca um sombrio fascínio. Ele prende a atenção do leitor com a mesma força hipnótica usada para atrair suas vítimas fictícias mordidas no pescoço, e a nossa curiosidade lhes dá tanta vida e força quanto o sangue das pessoas inocentes e de boa aparência atraídas por ele. (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 176).

Para Idriceanu e Bartlett (2007, p. 204), a sugestiva sensualidade do vampiro e os atos a que se entrega são um dos mais notáveis aspectos do mito. É difícil de resistir a um desses aspectos, a combinação de sexo e terror. Em todas as acepções da palavra, o vampiro continua a exercer seu sinistro fascínio. Do mesmo modo, Dunn-Mascetti relaciona a atração sexual exercida pelo vampiro ao fato de ele ser tão repulsivo:

ele influencia de maneira tão poderosa a nossa imaginação porque representa uma distorção da natureza humana, a inversão de tudo o que é considerado normal. Essa é uma das armas que o vampiro utiliza para convidar as suas vítimas a encontrar a morte e o processo de transformação que as fará ser como ele. Ele captura a nossa imaginação e nos atrai para um caminho de desesperança enganosamente atraente. Essa é a sua maior habilidade, a sua poderosa força de sedução (2010, p. 15).

Ao longo da história, encontramos o vampirismo relacionado a perversões, ao sexo implícito e à insinuação (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 200), existindo uma ampla ligação entre vampirismo e sensualidade. Segundo Idriceanu e Bartlett, a sexualidade sempre presente, permanece como parte importante do fatal fascínio do vampiro (2007, p. 61). Observa-se que sexualidade é um aspecto que se tornou mais manifesto ao longo dos anos, e, esse tema, em particular, surge em “*O Vampiro*” do Dr. Polidori.

Embora o vampiro seja um ser erótico e sensual, de acordo com Waldman (1982, p. 11), seu erotismo não é genital, pois, dada sua impotência fisiológica, seu centro erógeno muda de lugar e passa para os dentes (incisivos) que se alongam e que, ao invés de transmitir vida, a subtrai.

Historicamente, segundo nos conta Dunn-Mascetti (2010, p. 61), a sexualidade do vampiro pode estar ligada aos casos de exumação em que alguns corpos apresentavam “sinais de luxúria”, ou seja, o cadáver estava com uma ereção, que mais tarde técnicas forenses foram capazes de explicar como sendo o acúmulo dos gases da decomposição nos tecidos, mas, naquele tempo, contribuiu ainda mais na formação da figura do vampiro como criatura sexual, com uma sexualidade obsessiva.

Observa-se que não somente o vampiro é desenvolvido em torno da figura tentadora e com irresistível charme magnético, mas também a vampira, como mulher voluptuosa, que ameaça explodir em vulcânica sexualidade (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 194). Ela é ligada à sensualidade e grande apetite sexual, que as suas supostas vítimas são incapazes de resistir, isso pode dever-se ao fato de a Lua ter uma associação às mulheres e à sexualidade (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 108).

Em relação ao nosso *corpus*, Drácula é um ser que usa de seu poder de sedução para conseguir o que deseja, é irresistivelmente atraente, charmoso, o que torna suas vítimas incapazes de resistir. Foi com esse poder de sedução hipnótico que ele conseguiu se alimentar de Lucy durante seu sono e também se aproximou de Mina.

Lestat assim como Drácula, também possui um grande poder de sedução, fazendo uso de sua figura altiva de homem de natureza aristocrática, usa sua sedução para atrair suas vítimas

e sugar-lhes até a última gota de sangue, não importando se são homens ou mulheres. Ele seduziu Louis com seu charme e boa conversa, para conseguir se aproximar dele e transformá-lo: “Lestat me conquistou em meu leito de morte” (RICE, 1992, p. 23).

Já Inverno, ao longo da obra não demonstra nenhum traço deste aspecto, tendo como único objetivo resgatar sua “mãe” e voltar para Portugal. Enquanto Edward retoma a característica de sedução própria do vampiro aristocrático, sendo extremamente belo e sedutor. Segundo ele, tudo nele é feito para seduzir as suas vítimas, seu olhar, sua beleza e seu charme.

Nesta categoria trataremos sobre *Os poderes do vampiro*. Ao analisarmos nossas personagens identificaremos alguns poderes sobrenaturais. Drácula, nosso modelo de vampiro, é bastante poderoso em relação aos demais, acumulando um grande número de poderes, tais como: submeter os mortos ao seu comando (este poder foi utilizado por Vianco no vampiro Acordador, de *Os Sete*); pode crescer ou tornar-se minúsculo; tem a força de muitos homens (a maioria dos vampiros apresentam este poder); pode enxergar na escuridão (os vampiros de Vianco absorveram este poder); não tem sombra, nem reflexo (muitos vampiros também não tem); pode dirigir os elementos da natureza como a tempestade, a névoa, o trovão (Vianco utilizou o poder de tempestade no seu vampiro homônimo); pode comandar todas as coisas inferiores, o rato, a coruja, o morcego, a traça, a raposa, o lobo; e às vezes pode desaparecer e ficar incógnito. Também pode entrar e sair de qualquer coisa, mesmo que esteja lacrada (STOKER, 2015, posição 4979-4981 de 14532). Contudo, seu poder acaba, como acontece com todas as coisas malignas, ao raiar do dia (posição 4984-4985 de 14532).

O vampiro Lestat possui algumas habilidades, como força sobre-humana e resistência, que são menos destacadas em *Entrevista com o Vampiro*, ele mesmo chega a afirmar a Louis: “não há nenhum poder mágico” (RICE, 1992, p. 29), contudo, ao longo das *Crônicas Vampirescas*, ele desenvolve poderes depois de beber o sangue de vários vampiros antigos, assim, sua força aumenta de forma drástica, o que lhe permite voar, fazer telepatia, projeção astral e realizar proezas como a telecinese; sua fraqueza é beber sangue que não esteja fresco, este age em seu corpo como se fosse veneno.

Dom Guilherme, ou Inverno, como seu próprio nome revela, é um vampiro que possui o poder de controlar a temperatura ambiente e fazer nevar até mesmo no verão, atingindo, inclusive, o ponto de congelamento. Inverno é tão poderoso que congelou o mar para salvar seus irmãos. Além disso, possui força sobrenatural, consegue regenerar seu corpo e é veloz, seus pontos fracos são a luz do dia, o alho, símbolos religiosos e estacas de madeira, que se cravadas no coração, não matam, mas o paralisam.

Por fim, Edward Cullen. Ele também possui poderes, como super força e velocidade, além de ter o poder de ler mentes. Sua fraqueza é sua pele, que revela sua condição se sair à luz do Sol, Bella e o cheiro de seu sangue. Ao longo desta categoria ficou evidente a teoria anteriormente abordada de que os vampiros vão se reconstruindo com características de outras obras. Foi possível percebermos aqui, como Drácula influenciou e ainda influencia na construção da figura do vampiro em obras de diferentes épocas, fixando características e tornando-as clássicas na personagem.

Na categoria de análise *Características físicas e transformações*, vamos nos debruçar na descrição das personagens e se elas conseguem se transformar em outros seres. Começaremos por Drácula, observando que ao longo da obra ele vai mudando suas características físicas à medida que vai se alimentando do sangue de Jonathan e chega até Londres. Logo nos primeiros capítulos, encontramos a seguinte descrição que Jonathan faz do Conde em seu diário: [...] “Dentro encontrava-se um velho alto, com o rosto barbeado, salvo por um longo bigode branco, e vestido de preto da cabeça aos pés, sem uma única mancha de cor em sua pessoa” (STOKER, 2015, posição 625-626 de 14532).

Jonathan ainda repara nas mãos do Conde, que são frias como gelo, mãos como de um homem morto, não pode deixar de notar, em outro momento, que “eram bastante grosseiras, largas, com dedos curtos. Parece estranho, mas havia cabelos no centro da palma das mãos. As unhas eram longas e finas, e cortadas em pontas afiadas” (posição 673-674 de 14532).

Em outra passagem ele faz a seguinte observação sobre a aparência do Conde:

Seu rosto era forte, muito forte, aquilino, com um nariz fino e pontudo e narinas arqueadas de modo peculiar, a testa alta e arredondada, com cabelos escassos em torno das têmporas, mas que cresciam profusamente em outros lugares. Suas sobrancelhas eram muito grandes, quase se unindo sobre o nariz, e de pelos tão espessos que pareciam ondular-se em sua própria profusão. A boca, até onde eu podia vê-la sob o espesso bigode, era rígida e de aparência um tanto cruel, com dentes afiados singularmente brancos. Estes se projetavam sobre os lábios, cuja notável vermelhidão mostrava uma vitalidade surpreendente para um homem da sua idade. Quanto ao resto, suas orelhas eram pálidas e extremamente pontiagudas. O queixo era largo e forte, e as faces firmes, embora finas. O aspecto geral era de uma palidez extraordinária (STOKER, posição 666-672 de 14532).

Jonathan começa a perceber que existe algo de errado com o Conde tanto por sua aparência excêntrica, quanto por alguns fatos, tais como, não comer nem beber, não ter reflexo nos espelhos. Mais tarde Jonathan o encontra em um caixão e constata a falta de movimento,

pulso, respiração e batimentos cardíacos, levando-o a se questionar: “Que tipo de homem era esse, ou que tipo de criatura era essa que se assemelhava a um homem? (STOKER, 2015, posição 993-994 de 14532).

Com o passar dos dias, Jonathan percebe mudanças no Conde, ele agora era um camarada alto, magro, com um nariz de falcão e uma barba pontuda, com alguns fios brancos no meio (STOKER, 2015, posição 3014-3015 de 14532) [...] Ele tinha um olhar duro e frio e olhos vermelhos, sua boca era cheia de dentes brancos e afiados (2015, posição 3014-3015 de 14532). [...] Era um rosto duro, cruel, sensual, e seus enormes dentes brancos, que pareciam ainda mais brancos em contraste com o vermelho dos lábios, eram pontudos como as presas de um animal (posição 3675-3676 de 14532).

Como citado na categoria anterior, vimos que o Conde Drácula é um vampiro bastante poderoso, além de todos os poderes descritos, o Conde ainda é capaz de se transfigurar em lobo, morcego, névoa e sob os raios da Lua surge como um pó fino.

Seguindo para o vampiro Lestat, temos a seguinte descrição feita por Louis, em *Entrevista com o Vampiro*: [...] um homem alto, de pele delicada, cabelos louros e movimentos graciosos, quase felinos. [...] Seus olhos cinza ardiam com uma incandescência, e as mão longas e brancas que pendiam a seu lado não eram as de um ser humano (RICE, 1992, p 19). É uma descrição bastante superficial. Porém, no segundo livro das Crônicas Vampirescas, *O Vampiro Lestat* (1999), encontramos já no início uma descrição mais detalhada, feita por ele próprio:

Sou o vampiro Lestat. Sou imortal. [...] Tenho um metro e oitenta de altura. [...] Tenho cabelos louros e cheios que quase chegam aos ombros, mais para ondulados, que parecem brancos sob luz fluorescente. Meus olhos são cor de cinza [...] E tenho um nariz bem pequeno e estreito, uma boca bem desenhada, só que um pouco grande demais para meu rosto. [...] Mas sempre parece sensual. [...] E a única indicação consistente de que não sou humano são minhas unhas. [...] Nossas unhas parecem de vidro (RICE, 1999, p. 9).

Como podemos verificar, Lestat é um vampiro bastante bonito e charmoso. Além da descrição física, ao longo da obra *Entrevista com o vampiro*, são revelados mais alguns detalhes, como ele se veste de maneira elegante, como anda delicadamente, brilha, se move e sua palidez anormal. Porém, diferentemente de Drácula, Lestat não pode assumir uma nova forma.

Inverno não é muito caracterizado ao longo de *Os Sete*, o que sabemos sobre ele é que ele é alto, sempre usa um sobretudo preto, tem um par de olhos sinistros, que mudam de cor de

acordo com sua sede. Sua pele é branca e tem o rosto marcado por cicatrizes da peste. “As pálpebras do regenerado voltaram a estremecer, abrindo e revelando um par de olhos sinistros e mais congelantes que aquele frio assombrado. Suas pupilas estavam vermelhas, e os dentes caninos, expostos” (VIANCO, 2001, posição 2101-2102 de 8791). Diferentemente de Drácula e de seu irmão Sétimo, que pode se transformar em um monstro gigantesco, Inverno também não tem o poder da transmutação.

Edward Cullen é a figuração do homem perfeito, é culto, amante das artes, é jovem, belo, alto, atraente, romântico e muito sensual. Bella o descreve brevemente quando o vê pela primeira vez: “O último era esguio, menos forte, com um cabelo desalinhado cor de bronze (MEYER, 2009, p. 22). Ao longo do livro sempre é reiterada a beleza deslumbrante de Edward, em contraposição à beleza comum de Bella. Apesar de todos os predicativos, Edward, assim como Lestat e Inverno, também não possui a capacidade de transformação. Esta foi uma característica de Drácula que não foi adicionada a estes seus sucessores.

Finalmente chegamos à nossa última categoria de análise: *A origem do vampiro*. Nesta categoria temos o objetivo de verificar como ocorreu a transformação de nosso *corpus* de pesquisa em vampiros. Iniciaremos, novamente, pelo vampiro mais antigo, Drácula.

Ao longo de *Drácula*, não é explicitado como o Conde acabou por se tornar um vampiro. Contudo, ele relata alguns indícios de envolvimento com magias das trevas e bruxaria. Além de ser retratada sua obsessão pela glória associada ao sangue, que agora se torna seu fardo. Podemos então concluir que foram um desses dois fatores os responsáveis por sua transformação. O fato é, Drácula é um vampiro muito antigo, forte e inteligente, que conseguiu passar despercebido por séculos a fio, se alimentando de sangue humano. “Esse vampiro que está entre nós é por si só tão forte quanto vinte homens, e de uma astúcia maior que a dos mortais, pois sua astúcia aumentou com o passar dos séculos. É conhecido em todos os lugares em que os homens já estiveram” (STOKER, 2015, posição 4923-4924 de 14532).

Quando se tornaram mortos-vivos, junto com a mudança veio a maldição da imortalidade. Eles não podem morrer, mas têm que prosseguir por séculos e séculos, fazendo novas vítimas e multiplicando os males do mundo. Pois tudo o que morre atacado por um morto-vivo, torna-se ele mesmo um morto-vivo, e passa a atacar também. E assim o círculo vai sempre se alargando, como as ondulações provocadas por uma pedra lançada na água (STOKER, posição 4916-4918 de 14532).

Van Helsing explica para o grupo que está caçando Drácula que, sempre existiram provas da existência de vampiros, e que estes existiram na Grécia antiga, Roma, Alemanha, França, Índia, até mesmo na Crimeia e a China. Reforçando as raízes antigas do vampiro ao redor do mundo.

Embora não seja possível saber exatamente como o Conde Drácula se tornou um vampiro, sabemos como ocorre o processo de transformação na obra, a partir da experiência de Lucy, em que a vítima deve deixar seu sangue ser sugado e também beber do sangue do vampiro, pois, é o sangue que carrega a maldição da vida eterna.

Diferentemente de Drácula que tem suas origens indefinidas, Lestat foi transformado por um vampiro antigo, Magnus, que após tê-lo transformado se suicida em uma pira de fogo, deixando Lestat herdeiro de uma fortuna, mas também desamparado em sua nova condição de ser imortal. O fato não é descrito em *Entrevista com o Vampiro*, mas sim na segunda parte de *O vampiro Lestat*, O legado de Magnus. Assim como foi para Lucy a transformação em vampira, também ocorreu com Lestat, após ter seu sangue sugado por Magnus ele também bebeu dele. Completando assim a transformação.

Já para o vampiro Inverno a sua transformação em uma criatura da noite foi bem mais perversa. Inverno e seus irmãos vampiros viviam em um castelo às margens do Rio D'Ouro, em Portugal. Quando a peste chegou até aquela região, assolou toda a comunidade e Inverno e os demais acabaram por falecer vítimas deste mal. Contudo, ao morrerem fizeram um pacto de imortalidade com um demônio, cujo preço cobrado foi suas almas e um escravo para a eternidade (Sétimo).

Criaturas feitas por demônios. Assim eram os vampiros originais. Seus filhos eram feitos do sangue envenenado, mas os vampiros originais... esses foram feitos pelos demônios invisíveis que habitavam nossas terras. Tiveram as almas tomadas para que delas fossem feitos novos demônios. Seus corpos sem alma pereciam e faziam deles aquilo que eram. Criaturas amaldiçoadas. Dependentes do nosso sangue, sangue de gente do bem. Assassinos cruéis... sem alma. Corpos que não morriam como corpos humanos. Precisavam de rituais. Uma estaca no peito. A cabeça decepada e o corpo cremado. Arrastá-los para fora de suas tocas e deixá-los arder ao Sol. Envenená-los com alho... Criaturas vis. Doentes. (VIANCO, 2016, p. 55)

Apesar de os vampiros terem se transformado por um pacto com um demônio, o processo para que eles transformem outras pessoas em vampiros segue a mesma linha dos

demais, primeiro a pessoa deve ser mordida por um vampiro e depois beber o seu sangue infectado, completando a transformação no momento em que se alimentar de sangue humano.

Ignorando as formas obscuras de transformação, nosso vampiro Edward passou por outro tipo de processo para se transformar. No universo literário explorado por Meyer, seus vampiros são transformados quando estão no limiar entre a vida e a morte e recebem uma mordida de um vampiro, este, através de seus caninos injeta um “veneno” que será o responsável pela transformação. O veneno destrói o que resta de vida e assim um novo vampiro surge. O processo de transformação é lento e doloroso e os novos vampiros despertam confusos, com sede e sem saber controlar seus instintos de predadores.

Durante uma epidemia de gripe espanhola que devastou Chicago, Edward estava morrendo aos seus 17 anos, mas tornou-se um vampiro quando Carlisle, seu pai adotivo, o transformou, dando-lhe a oportunidade de ter uma nova existência, para Edward podemos analisar a sua transformação como “salvação”, já para Inverno, a sua transformação foi a sua “danação”.

– Nasci em Chicago em 1901. – Ele parou e olhou para mim pelo canto do olho. Tive o cuidado de não demonstrar surpresa, esperando pacientemente pelo resto. Ele deu um sorrisinho e continuou. – Carlisle me encontrou em um hospital no verão de 1918. Eu tinha 17 anos e estava morrendo de gripe espanhola. (MEYER, 2009, p. 211)

Concluindo a análise das nossas categorias temáticas é possível observarmos como os vampiros do nosso *corpus* se aproximam em várias características, mas também divergem em outras, todas são as protagonistas ou antagonistas de suas obras, pertencem à mesma definição quanto à teoria da personagem de ficção, sendo redondas, devido à sua complexidade e capacidade nos surpreender a cada cena. São figuras que pertencem ao insólito, fazendo parte do rol de criaturas que habitam as narrativas fantásticas, pelas suas características apresentadas ao longo das obras.

Contudo, é impossível não dizer que todos eles partem das mesmas origens obscuras, comungando em suas diferenças e similaridades, que partem desde sua ligação simbólica com o sangue, seus hábitos e características físicas até seus poderes sobrenaturais. Destaca-se que algumas dessas diferenças que ocorreram e ocorrem foram necessárias para que a personagem pudesse se adequar à época em que foi inserida na sociedade a que representa em suas obras, mantendo assim a personagem sempre moderna e atrativa aos seus leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vampiro é um ser que saiu das lendas folclóricas, adentrou na literatura e hoje faz parte do imaginário humano, perpetuando-se como uma das personagens mais fascinantes das artes em geral e que tem um incrível poder de moldar-se a cada época, cultivando o seu fascínio.

Dessa forma, ao chegar ao fim desta jornada em busca do passado dos vampiros para o entendimento de seu presente é que pude observar e destacar muitos aspectos interessantes sobre esta personagem que cada vez mais instiga minha curiosidade como leitora. O objetivo principal desta pesquisa era entender como o vampiro saiu das lendas folclóricas e se instalou na literatura, resistindo à passagem do tempo e se modernizando neste processo até a literatura contemporânea.

Observei que muitos foram os mitos e as culturas que contribuíram para formar a concepção do que entende-se por vampiro nos dias de hoje. Pude verificar como a literatura de vampiros está sempre se “autoalimentando” e ao mesmo tempo em que se renova à luz da época em que se insere.

Ao longo da pesquisa pude constatar como foi gradual este processo que o vampiro enfrentou com a passagem dos tempos, primeiramente surgiu em diversas lendas nos mais remotos lugares do mundo, adentrando assim no imaginário popular; virou objeto de estudo para que sua natureza fosse compreendida, a partir de tais estudos chegou até à poesia e a outros gêneros. Mas foi a partir do teatro que a figura do vampiro atingiu de fato seu papel como uma personagem de ficção. Se disseminando pela Europa até chegar ao romance moderno.

Vale ressaltar que os vampiros mais antigos, retratados nas lendas e nos primeiros textos, ainda não eram vampiros como a concepção atual, mas sim arremedos que foram se modificando a partir da influência de várias obras e lendas.

Além disso, foi interessante perceber como os vampiros que compuseram o *corpus* de pesquisa se aproximaram em tantas características, tais como seus poderes e relações com o sangue. Também, com a visão de leitora, poder detectar as influências que os autores contemporâneos sofreram de seus antecessores. Como por exemplo, Vianco, que introduziu muitas das características de Drácula em seus vampiros de *Os Sete*, e em como Lestat renuncia a qualquer aproximação com Drácula no quesito transformação, chegando até a debochar do poderes do vampiro mais velho.

Gostaria de destacar que, enquanto leitora e também pesquisadora de vampiros, percebi que existiam outras opções de recorte para as análises, fator que me deixou angustiada por não poder abarcar nesta pesquisa por questões de tempo hábil. Por isso justifico aqui as escolhas para tais categorias de análise, uma vez que preferi optar por analisar aspectos que julguei serem mais relevantes no sentido de responder aos anseios que envolvem também as minhas próprias dúvidas sobre os vampiros na literatura e seu processo de transformação. Ainda, sobre as obras literárias apresentadas, bem como suas personagens, estas também seguiram a minha escolha pessoal como leitora.

Também gostaria de chamar a atenção para a questão de que, por mais que *Drácula* seja uma obra do final do século XIX e que ele sirva de modelo para os demais vampiros, a sua trama continua sendo bastante atual e ainda atrai vários leitores. É interessante pensar que, a partir das obras modernas aqui apresentadas, os leitores, principalmente os jovens, podem se sentir atraídos a buscar outras referências literárias, chegando até o *Drácula*.

Por fim, retomo o que foi abordado ao longo da pesquisa, de que o mito do vampiro atravessou séculos, adentrou na literatura, chegou até a modernidade e continua sendo um dos temas mais instigantes que envolvem a literatura e as artes em geral. É bastante visível como o vampiro consegue se moldar a cada época, mantendo-se sempre como uma das personagens mais fascinantes do imaginário popular e com uma roupagem remodelada, mantendo cativo seu público fiel.

Finalizo esta pesquisa, deixando aqui minhas contribuições teóricas e minha crítica contemporânea ao tema, que, ao meu entender deveria ser mais estudado na academia e, destacando meus esforços e alegria em finalizá-la de acordo com minhas exigências pessoais, apresentando este tema tão cativo para mim. Concluir esta pesquisa é um marco em minha vida, finalização de uma etapa e início de outra. Agradeço a todos que de alguma forma ou outra puderam contribuir neste processo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

CAMARA, Raphael. **O Grotesco - um Corpo Estranho na Literatura do Medo no Brasil**. 2013. Ensaio disponível em <https://sobreomedo.files.wordpress.com/2013/06/15062013.pdf> Acesso em 2 fev. 2021.

CAMPRA, Rosalba. **Territórios da ficção fantástica**. Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações, 2016.

CANDIDO, Antonio [et.al]. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

CARVALHO, Bruno Berlendis de. **Antologia do vampiro literário**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2010.

CAVENDISH, Georgina. **Caim, o primeiro vampiro**. São Paulo: Novos Talentos da Literatura Brasileira, 2016. (*E-book* versão *Mobi – Kindle*)

CESERANI, Remo. **O fantástico**. Tradução de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba, Londrina: UFPR/EDUEL, 2006.

COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Editora das Américas, 2004.

CUNHA, Maria Zilda, MENNA, Lígia (orgs.). **Fantástico e seus arredores: figuras do insólito**. São Paulo, FFLCH, 2017.

DUNN-MASCETTI, Manuela. **Vampiros além da saga Crepúsculo: tudo o que você precisa saber sobre vampiros e Stephenie Meyer não contou em seus romances**. São Paulo: Pensamento, 2010.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. 4ª ed. rev. São Paulo: Globo, 2005.

FURTADO, Filipe. **O fantástico: procedimentos de construção narrativa em H.P. Lovecraft**. Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações, 2017.

GOETHE, Johann Wolfgang. **A noiva de Corinto (1798)**. Tradução de Leonardo Fróes. In: **Antologia do vampiro literário**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2010.

IDRICEANU, Flavia; BARTLETT, Waine. **Lendas de sangue: o vampiro na história e no mito**. São Paulo: Madras, 2007.

LECOUTEUX, Claude. **História dos vampiros: autópsia de um mito**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MARTINS GAMA-KHALIL, MARISA. **A Literatura Fantástica: Gênero ou Modo?** Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários. Volume 26 (dez. 2013) – 1-130 – ISSN 1678-2054 Disponível em <<http://www.uel.br/pos/letras/terraroxaMarisa>> Acesso em 08 jan. 2021.

MEYER, Stephenie. **Crepúsculo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

_____. Stephenie. **Sol da meia-noite**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

OSSENFELDER, Henrich August. **O vampiro** (1748). Tradução de Erick Ramalho. In: **Antologia do vampiro literário**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RICE, Anne. **Entrevista com o vampiro**. Tradução de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

_____. Anne. **O vampiro Lestat**: segundo volume das crônicas vampirescas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ROSENFELD, Anatol. **Literatura e Personagem**. In: CANDIDO, Antonio [et.al]. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

SMITH, L.J. **O despertar**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2009. (Diários do vampiro, vol. 1)

STOKER, Bram. **Drácula**. São Paulo: Editora Landmark, 2012. Edição Bilíngue: português/Inglês (*E-book - Versão mobi - Kindle*).

_____. Dacre; HOLT, Ian. **Drácula, o morto vivo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

VIANCO, André. **Os Sete**. São Paulo: Novo Século, 2001 (*E-book – Versão mobi - Kindle*).

_____. **Sétimo**. São Paulo: Editora Aleph; 1ª edição, 2016 (*E-book – Versão mobi – Kindle*).

WALDMAN, Berta. **Do vampiro ao cafajeste**: uma leitura da obra de Dalton Trevisan. São Paulo: Hucitec; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1982.